

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR - PPIFOR

GABRIEL MARTINS VITORINO DA SILVA

A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DE ENSINO DE GEOGRAFIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

GABRIEL MARTINS VITORINO DA SILVA

PARANAVAÍ
2024

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVÁÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR – PPIFOR**

**A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DE ENSINO DE GEOGRAFIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

GABRIEL MARTINS VITORINO DA SILVA

**PARANAVÁÍ
2024**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVÁI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR - PPIFOR**

**A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DE ENSINO DE GEOGRAFIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Dissertação apresentada por GABRIEL MARTINS VITORINO DA SILVA, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino.

Área de Concentração: Formação docente interdisciplinar.

Orientador Prof. Dr.: Paulo César Gomes

PARANAVÁI
2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Martins Vitorino da Silva, Gabriel
A Fotografia como Recurso de Ensino de Geografia na Educação Básica/ / Gabriel Martins Vitorino da Silva. -- Paranavaí-PR, 2024.

97 f.: il.

Orientador: Paulo César Gomes.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino: "Formação Docente Interdisciplinar") -- Universidade Estadual do Paraná, 2024.

1. Ensino de Geografia. 2. Conceito de Paisagem e Lugar. 3. Fotografia. 4. Recurso didático. I - César Gomes, Paulo (orient). II - Título.

GABRIEL MARTINS VITORINO DA SILVA

**A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DE ENSINO DE GEOGRAFIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo César Gomes (Orientador) – UNESPAR/ UNESP

Prof. Dr. Thiago Marinho Del Corso – UNESP - Botucatu

Prof. Dr. Gilmar Aparecido Asalin – UNESPAR – Paranavaí

Data de Aprovação:

30/09/2024.

DEDICATÓRIA

Quero dedicar este trabalho a todos os meus familiares, em primeiro lugar aos meus pais que sempre me incentivaram e acreditaram no meu esforço e no meu trabalho. Sei o quanto vocês se esforçaram financeiramente para que seus filhos chegassem à graduação, o amor depositado, os ensinamentos, os conselhos e a união que sempre tivemos. Em especial a minha mãe Cilene Pereira Martins Vitorino da Silva (*In Memoriam*) que sempre foi uma mulher batalhadora, que sempre me apoiou e esteve comigo na saúde e na doença. Foi meu elo forte durante a minha graduação. Quero lhe agradecer, mãe, de coração. Brevemente, serei Mestre e contarei com sua presença espiritual nessa tão sonhada formação. Anos atrás lembro que conversávamos se seria possível eu adentrar em um curso superior. A senhora sempre me depositou confiança e me disse que eu era capaz.

Agradeço imensamente ao meu pai Aparecido Vitorino da Silva. Um homem forte e corajoso, meu maior exemplo de super-herói e em quem eu sempre me espelhei. Ele me incentivou diariamente com os estudos no mestrado e, mesmo cansado após sua jornada de trabalho no período noturno, teve força de vontade para me levar incansavelmente às aulas do programa. Dirigindo, sempre com sorriso no rosto e determinação. Obrigado pai, sempre serei grato ao senhor.

E, quero lembrar-me dos meus irmãos, Bruno Martins Vitorino da Silva e Gabrieli Martins Vitorino da Silva, pelas conversas, pelo apoio, pela irmandade, as trocas de experiências, agradecer ao convívio diário e à força da nossa união como irmãos, sem vocês, nada disso seria possível.

Dedico este momento a minha fiel companheira Letícia Ferreira, muito obrigado a sua paciência, a sua generosidade, sua inteligência e sabedoria, por vezes me incentivou a não desistir, sempre com palavras sábias e se mostrando ser uma pessoa incrível, mesmo nos momentos mais difíceis se mostrou presente, sempre reluzente e guerreira.

Por fim, quero dedicar este trabalho aos meus amigos que acreditaram no meu esforço, mesmo parecendo não ser possível. Obrigado por me ajudarem a realizar este sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus...

Quero agradecer a minha avó Maria de Lourdes da Silva que se colocou como uma mãe em toda minha vida e por ser uma pessoa tão especial em minha vida. Aos meus familiares, tios, tias e primos por manterem nossa família sempre unida. Expresso minha felicidade ao meu pai por manter seus filhos unidos e pela excelente educação que nos deu.

Agradeço a minha companheira Letícia Ferreira pelas horas e horas de paciência sentada junto comigo para que fosse possível a conclusão dessa etapa tão importante em minha vida. Por ser um dos pilares, fez com que eu não desistisse, sempre me animando com a sua presença e força de vontade. Encorajou-me várias vezes, mesmo estando cansada, fez com que eu tivesse foco na minha pesquisa, pois não é uma tarefa fácil. Sua perspicácia fez com que eu tivesse determinação de realizar as atividades pertinentes à dissertação.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo César Gomes, quero expressar profundamente minha gratidão pela excepcional ajuda e empenho em não deixar eu desistir dessa pesquisa. Mesmo à distância, o professor se manteve presente, com extrema paciência, sempre disponível quando eu precisei. Digo-lhe que é admirável a compreensão que teve nesses anos, sendo muito profissional e, acima de tudo, sendo um ser humano incrível. Obrigado professor pelos ensinamentos nesse período, pela força de vontade nessa minha trajetória, o senhor em nenhum momento deixou que eu desistisse dessa pesquisa, por mais que fosse difícil, sempre se colocou disposto a ajudar. Quero levar para a vida e para a minha carreira profissional como docente que se iniciou durante o mestrado, muito obrigado.

Expresso minha gratidão aos meus amigos Igor Gustavo dos Santos Monteiro e Caio Vinicius dos Santos Monteiro, que hoje considero como irmãos, sempre companheiros, dando conselhos e incentivando nessa jornada. Várias vezes me orientaram para seguir o melhor caminho, sempre com muita clareza. Agradeço o apoio e a força de vontade de vocês.

Quero agradecer aos meus dois amigos Lucas Andrei e Fabiano Giacomini pelo apoio e os incentivos nesse período de aulas e escrita. Amigos que a graduação me deu e irei levar para a vida. Juntos realizamos grupos de estudos, desenvolvemos

atividades juntos e nos reunimos para esclarecer alguns conceitos. Sempre com debates saudáveis e produtivos. Obrigado à vocês pela parceria que iniciou em um grupo de trabalho no primeiro ano da graduação e que dura até os dias atuais.

Por fim, quero expressar a gratidão às três amigas que o mestrado me deu, a compaixão que vocês tiveram comigo, me ajudando incansavelmente para que fosse possível eu chegar à universidade com as caronas e eu conseguir acompanhar as aulas. Quero levar para a vida os conselhos recebidos de vocês, que compartilharam comigo nas viagens, nos almoços e nas aulas. Vocês são pessoas incríveis. Essa jornada não foi fácil, mas com as experiências compartilhadas por vocês tornaram isso possível. Obrigado Luciana Rodrigues, Luciana Alves e Gesinelly.

Simple Man

Mama told me when I was young
Come sit beside me, my only son
And listen closely to what I say
And if you do this, it'll help you some
sunny day
Oh, yeah

(Be a simple man)

Oh, take your time, don't live too fast
Troubles will come and they will pass
Go find a woman and you'll find love
And don't forget, son, there is someone up
above

And be a simple kind of man
Oh, be something you love and
understand
Baby, be a simple kind of man
Oh, won't you do this for me, son
If you can?

Forget your lust for the rich man's gold
All that you need is in your soul
And you can do this, oh, baby, if you try
All that I want for you, my son
Is to be satisfied

And be a simple kind of man
Oh, be something you love and
understand
Baby, be a simple kind of man
Oh, won't you do this for me, son
If you can?

(Oh, yes, I will)

Boy, don't you worry, you'll find yourself
Follow your heart and nothing else
And you can do this, oh, baby, if you try
All that I want for you, my son
Is to be satisfied

And be a simple kind of man
Oh, be something you love and
understand
Baby, be a simple kind of man
Oh, won't you do this for me, son
If you can?

Baby, be a simple, be a simple man
Oh, be something you love and
understand
Baby, be a simple kind of man

Lynyrd Skynyrd
(Compositores: Ronnie Van Zant e Gary Rossington)

VITORINO, Gabriel Martins da S. **A fotografia como recurso de ensino de geografia na educação básica**. 78f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranaíba. Orientador: Paulo César Gomes. Paranaíba, 2024.

RESUMO

O ensino de geografia na educação básica abrange conceitos oriundos da ciência geográfica, em específico aos conceitos de paisagem e lugar. Esses temas apresentam-se implicitamente no currículo básico, sendo essencial que o docente tenha ciência da importância de explorar esses temas como bases para a ampliação do repertório conceitual no ensino de geografia. As fotografias apresentam-se com frequência no cotidiano dos estudantes, podendo ser utilizadas como recurso facilitador na compreensão desses assuntos por permitir a identificação de elementos físicos e visuais próprios da paisagem e estimular a análise de como esses espaços adquirem significados históricos, culturais e pessoais, transformando-os em lugares. Pensando nesses aspectos, o presente estudo partiu da seguinte indagação “Como desenvolver práticas pedagógicas abordando os conceitos de paisagem e lugar com o uso de fotografias para o ensino de geografia?”. Objetivamos em promover reflexões quanto as conceituações geográficas citadas e em utilizar as fotografias como recurso didático para o ensino de geografia. De natureza qualitativa, apresentamos uma sequência didática que foi utilizada para conceituar paisagem e lugar e investigamos o potencial do uso das fotografias como ferramenta pedagógica para o ensino desses conceitos. Os dados foram coletados a partir de atividades como visitas a campo, a aplicação de questionários e estudos teóricos com observação de fotografias por meio da análise semiótica. A interpretação dos resultados foi amparada nas referidas conceituações abordadas nessa ciência geográfica. Os resultados mostram que as fotografias podem enriquecer significativamente o ensino e a compreensão dos conceitos de paisagem e lugar. As imagens auxiliam na compreensão dos elementos que compõem e caracterizam a paisagem como também permitem uma reflexão quanto aos seus significados culturais, históricos e sociais.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Conceito de Paisagem e Lugar. Uso da fotografia. Recurso didático.

VITORINO, Gabriel Martins da S. **Photography as a resource for teaching geography in basic education**. 78f. Dissertation (Master in Teaching) – State University of Paraná. Supervisor: Paulo César Gomes. Paranaíba, 2024.

ABSTRACT

The teaching of geography in basic education covers concepts from the science of geography, specifically the concepts of landscape and place. These themes are implicit in the basic curriculum, and it is essential that teachers are aware of the importance of exploring these themes as a basis for broadening the conceptual repertoire in geography teaching. Photographs are often present in students' daily lives and can be used as a resource to facilitate understanding of these subjects, as they allow the identification of physical and visual elements of the landscape and stimulate analysis of how these spaces acquire historical, cultural and personal meanings, transforming them into places. With these aspects in mind, this study was based on the following question: "How can we develop pedagogical practices that address the concepts of landscape and place through the use of photographs in geography teaching?". We aimed to delimit reflections on the aforementioned geographical conceptualizations and to use photographs as a didactic resource for teaching geography. Of a qualitative nature, we present a conceptual basis for defining landscape and place and explore the use of photographs as a pedagogical tool for teaching these concepts. The data was collected through activities such as field visits, the application of questionnaires and reflections on photographs through semiotic analysis. The interpretation of the results was based on the concepts addressed in this geographical science. The results show that photographs can significantly enrich the teaching and understanding of the concepts of landscape and place. The images help us to understand the elements that make up and characterize the landscape and also allow us to reflect on its cultural, historical and social meanings.

Key words: Teaching Geography. Concept of Landscape and Place. Use of photography. Teaching resource.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Localização geográfica do município do colégio de aplicação.

Figura 2. Imagem da construção da Igreja Católica na praça.

Figura 3. Imagem do prédio antigo da Igreja Católica já construído.

Figura 4. Imagem do prédio da Igreja Católica na década de 1990 após a reforma e modernização da construção.

Figura 5. Imagem da praça da Igreja Católica em meados de 2010.

Figura 6. Imagem da praça da Igreja no ano de 2022.

Figura 7. Imagem aérea da praça da Igreja ano de 2022.

Figura 8. Imagem da praça central de Cruzeiro do Sul, final da década de 1980.

Figura 9. Imagem da praça com pessoas percorrendo o local, município de Cruzeiro do Sul, final da década de 1980.

Figura 10. Imagem da praça central do município, entre 2005 e 2010.

Figura 11. Imagem da praça da Igreja no ano de 2015 para observação.

Figura 12. Estudos teóricos e práticos no Bosque (local de missas e terços) em frente ao Colégio, Cruzeiro do Sul - PR.

Figura 13. Local de realização das missas e terços, localizado no centro do Bosque de estudo. Sendo utilizado pelos alunos e pelo professor.

Figura 14. Visitação a praça da Igreja Católica no município de Cruzeiro do Sul – PR.

Figura 15. Visitação à comunidade rural do município de Cruzeiro do Sul (Praça da Igreja).

Figura 16. interior da Igreja na comunidade de visita (Cruzeiro do Sul – PR)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Habilidades e objetivos de aprendizagem para o ensino de Geografia.

Quadro 2. Descrição das etapas da sequência didática.

Quadro 3. Definições de paisagem pelos estudantes.

Quadro 4. Percepções de locais históricos do município.

Quadro 5: Ficha de análise semiótica conforme conceitos geográficos em fotografias

Quadro 6. Ficha de análise semiótica conforme conceitos geográficos em fotografias.

Quadro 7. Considerações quanto aos conceitos de lugar.

Quadro 8. Considerações quanto aos conceitos de paisagem.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CREP	Currículo da Rede Estadual Paranaense
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
PPIFOR	Programa de Pós-graduação em Formação Docente Interdisciplinar
UNESPAR	Universidade Estadual do Paraná
GTP	Modelo geossistema, território e paisagem
SEED/PR	Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
1. INTRODUÇÃO.....	20
2. A CIÊNCIA GEOGRÁFICA: CONCEPÇÕES DE PAISAGEM E LUGAR.....	24
3. O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	31
4. FOTOGRAFIAS COMO RECURSO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA	42
5. METODOLOGIA.....	50
5.1 Natureza da Pesquisa	50
5.2 Cenário e Participantes da Pesquisa.....	51
5.3 Caracterização da Coleta e Análise dos Dados.....	53
5.4 Descrição da Sequência Didática.....	54
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	64
6.1 Etapa 1 - Questionário de Levantamento de Concepções Prévias	64
6.2 Etapa 2 - Visita de Campo, esta seção serviu especialmente para ligar a teoria à prática, quando destaca os elementos de uma paisagem, e os contextos que definem um lugar dentro da Geografia humanística.	70
6.3 Etapa 3 - Análise de Fotografias	75
6.4 Etapa 4 - Discussão de levantamento de concepções geográficas	79
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS.....	88
ANEXOS	92

APRESENTAÇÃO

Meus pais eram trabalhadores rurais que estudaram até o 9º ano do Ensino Fundamental. Trabalharam desde muito jovens nas lavouras de café e algodão e, assim, não tiveram oportunidade de concluir o ensino fundamental e nem o ensino médio, sendo obrigados a largarem a escola por conta do trabalho. Casaram-se cedo e tiveram que mudar para a cidade, com dois filhos pequenos. Meu pai seguiu trabalhando com a terra e, minha mãe, cuidando dos filhos. Ambos sempre priorizavam a Educação como chave fundamental para a transformação do futuro dos filhos. Nunca incentivaram que fôssemos trabalhar nas lavouras. Além da rotina da escola, nos envolvíamos com atividades recreativas disponibilizadas pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município.

Aos 15 anos fui selecionado como Menor Aprendiz numa função da área administrativa de uma empresa. Os critérios eram: ser estudante de baixa renda, ter notas superiores à média do colégio (que, à época, era 6.0) e ter frequência escolar adequada. Nesse período, comecei a me interessar pela área da docência. Aos 17 anos prestes a sair do estágio comecei a estudar para ingressar em uma universidade preferencialmente pública, justamente por questões financeiras. No último ano do colégio comecei a procurar por vestibulares na área da Educação. Meus professores não apoiaram essa decisão, sempre me alertando sobre as dificuldades e da luta diária de ser professor.

Ingressei numa instituição privada para o curso de Licenciatura em História em uma cidade que fica a 75 km de distância da minha casa. Na mesma época, atuava em uma empresa como Auxiliar de Serviços Gerais e a função principal era no engate e desengate de carretas de cana-de-açúcar: eu era chamado “catraqueiro” pelo fato de engatar um equipamento em outro através de uma catraca, esse serviço era desenvolvido em meio aos canaviais com máquinas e tratores. Era necessário acordar às 4h30min, preparar a comida, a garrafa de água e aguardar o transporte rural que levava em média 1 hora para chegar até as fazendas. À tarde chegava em casa e já me arrumava para estudar no período noturno, percorrendo mais 1 hora e 30 minutos até a faculdade, que estava localizada na cidade de Maringá-Paraná. Em função do cansaço, resolvi mudar de curso e de cidade.

Prestei novamente o ENEM com o objetivo de estudar Geografia na Unespar de Paranavaí. Ingressei em 2018 nesse curso. Ao longo do curso comecei a perceber problemas. Só sairia para realizar o estágio obrigatório da licenciatura se essas horas de trabalho fossem para o chamado “banco de horas”. Assim, aos sábados eu ficava na empresa até às 17 horas para “compensar” as horas de estágio realizadas. Nesse período, entre as aulas e os estágios, eu e alguns colegas de sala conhecemos programas de iniciação científica e fomos selecionados para participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Foi a partir do PIBID que meu interesse pela pesquisa e as atividades acadêmicas cresceram.

Em 2019, veio o período pandêmico com o vírus da COVID-19, fazendo com que as aulas fossem remotas, as atividades de iniciação científica foram interrompidas e os últimos anos da graduação se deram mediante ensino remoto emergencial, as aulas eram por meio de vídeo chamadas via *Google Meet*.

Em 2022 comecei as aulas no mestrado do PPIFOR e, mais uma vez, o embate de outros tempos veio à tona: conciliar aulas e o trabalho. Nesse período, eu já estava trabalhando em outro setor na empresa. Atuava como “balanceiro” nas atividades administrativas e na pesagem dos caminhões açucareiros e no transporte de etanol. Em conversa com minha equipe gestora, expliquei sobre o início das aulas no mestrado e como o programa funcionava. Pesando nisso, o acordo sugerido pelos supervisores foi que eu exercesse minha função no período da noite, mudando meu horário para o terceiro turno, entrando na empresa às 23 horas e 45 minutos e terminando o expediente às 7 horas e 40 minutos do dia seguinte. Na segunda-feira e na terça-feira tinha as aulas do programa que iniciavam às 8 horas. Desta forma, eu comecei a sair do trabalho às 5 horas e 50 minutos, fazendo o trajeto de 15 minutos até em casa. Em seguida me arrumava e meu pai me levava até Nova Esperança, cidade que fica a 30 km da minha casa. Meu pai fazia esse esforço, pois eram os minutos que eu tinha de sono entre o trabalho e as aulas. Nesse tempo conheci três colegas de aula, que também eram alunas do programa. Elas se sensibilizaram com minha rotina e me ofereceram carona até Paranavaí, com essa ajuda, consegui dormir mais 40 minutos. Durante dois dias, entre aulas e trabalho, esse era o período em que eu descansava. Na 2.^a feira, retornava para casa às 22 horas e chegava para o trabalho por volta das 23:30 horas. Retomando semanalmente essa rotina de ir direto para a empresa e, de lá para o mestrado. Com esforço e apoio dos colegas e familiares concluí as aulas presenciais.

Aos professores do programa eu quero expressar minha gratidão, as aulas foram inspiradoras durante todo os semestres, sempre transmitindo conhecimento e enfatizando a importância da educação para a nossa vida. Tendo em vista que durante as aulas eu não tinha nenhum contato com sala de aula como docente. Mas de fato, cada professor, cada aula e cada disciplina foram de grande valor para que eu iniciasse minha trajetória de docente com bagagem e confiança. Em outro ponto, destaco a riqueza e a paixão de cada professor pela sua área de ensinamento, contagiando os alunos com sua didática e fazendo com que a gente se interessasse mais pelo tema abordado em sala.

Os conteúdos abordados durante cada aula ampliaram ainda mais minha visão e meu conhecimento acadêmico, os debates me ensinaram novos conceitos, tive contato com novos autores e contribuíram para minha expansão intelectual. Os ensinamentos que eu tive ao longo de todo o programa foram de grande valia, pois estão sendo úteis para a minha jornada profissional na educação, com isso, eu posso ministrar aulas e trazer um olhar diferenciado para os meus alunos.

Em 2023 pela primeira vez tive a experiência de lecionar. Meu primeiro desafio como professor foram ministrar 40 horas-aulas semanais em um colégio recém-remodelado como Escola Integral. Tanto eu, quanto os demais professores e funcionários estávamos apreensivos por conta das atividades novas, dos componentes curriculares novos e a adaptação a esse novo modelo de ensino. Desta vez não tinha mais cansaço físico, não tinha mais sol escaldante e poeira, o risco não era mais os caminhões e tratores. Agora o desafio era ensinar, era a sala de aula e o contato pela primeira vez com os alunos, agora presencialmente (meus estágios obrigatórios na graduação foram de forma remota).

Os desafios começaram a surgir, atividade semanal, aulas e cursos para aperfeiçoar-me no ensino integral, cobrança da coordenação do colégio, lidar com indisciplina e, acima disso tudo, zelar pela aprendizagem dos alunos. Acabei lecionando para todas as turmas do colégio, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Tinha em média 320 alunos. A pesquisa no Ensino de Geografia me incitou interesse, pois percebi que é essencial no sentido de compreender questões que remetem aos processos de ensino-aprendizagem dos discentes, das estratégias didáticas dos professores e como possibilitar que os estudantes se interessem por algo tão fundamental como a ciência geográfica e sua relação com o mundo contemporâneo. Será que a falta de empatia e de interesse dos estudantes pela geografia se referem

exclusivamente a ausência de aparatos tecnológicos nessas aulas? Quais problemas são enfrentados pelos professores ao ensinar geografia na Educação Básica? Como o recurso da fotografia poderia auxiliar no ensino de geografia? A fotografia, enquanto recurso, poderia auxiliar as aprendizagens decorrentes e na compreensão conceitual de paisagem e lugar, enquanto conceitos basilares no ensino de geografia? Essas indagações pairaram em minha mente antes de iniciar esse trabalho de pesquisa e foram sendo reflexões que impulsionaram minha curiosidade científica para contribuir com o ensino. Ainda, me inspirei nos ensinamentos de Paulo Freire em específico, na sua obra de 1968 “Pedagogia do Oprimido”, que conheci durante as aulas no mestrado, destacando a necessidade de auxiliar na conscientização dos alunos sobre os temas trabalhados e a compreensão crítica de cada indivíduo, ou seja, orientar o desenvolvimento de uma abordagem crítica sobre a sua realidade social, nas quais os alunos compreendem o seu papel no município de vivência.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa insere-se na Linha 2 – Formação de professores e os recursos teórico-didáticos na área de ciências do Programa de Pós-graduação em Formação Docente Interdisciplinar (PPIFOR), da Universidade Estadual do Paraná - Unespar, campus Paranavaí. Esta proposta foi impulsionada inicialmente a partir de questionamentos pessoais do autor porque sempre me indagava sobre a falta de contextualização dos conceitos geográficos, e, isso é decorrente das percepções enquanto ministrava as aulas de geografia no âmbito de práticas pedagógicas que ocorreram no Ensino Fundamental e Médio de um colégio público integral da região noroeste do Paraná.

A geografia, enquanto componente curricular deveria possibilitar aos educandos uma análise crítica do mundo real de modo que esses cidadãos em formação se posicionassem criticamente diante dos problemas enfrentados em sua comunidade, escola, família, trabalho e instituições da qual fazem parte (Landim; Barbosa, 2010). Para esses autores o processo de emancipação do aprendiz passa pela tomada de consciência de seus direitos, suas responsabilidades e deveres perante a sociedade.

Ainda, nas aulas de Geografia, “a prática da sala de aula é ainda hoje assim, extremamente fragmentada em itens sem sentido, isolados e, em conjunto, sem o encadeamento que permite dar significado à Geografia escolar” (p. 162).

Por outro lado, os alunos permanecem desmotivados e desinteressados nas aulas, porque são corriqueiramente expostos a metodologias que se repetem pela transcrição de textos da lousa, ditado, leitura e atividades solicitadas sem maiores explicações ou *feedback* dos aprendizados.

Dentro das normativas da BNCC observamos que, para o ensino de Geografia, primeiro deve-se compreender os conceitos referentes ao raciocínio sobre ‘espaço-temporal’, no qual, envolve habilidades de percepção das ações humanas em determinado lugar, ou seja, quando notamos que um determinado lugar sofreu mudanças através da ação humana. Mas essas mudanças são perceptíveis ao longo do tempo, com o passar das décadas, relacionando o antes e o depois das ações antrópicas. Desta forma, essa ação foi constituída em etapas que levaram a um período de tempo, envolvendo o passado e o presente (Brasil, 2018).

A abordagem correta desses conceitos abrange a compressão dos alunos sobre as influências que o homem causou no espaço (lugar), através das ações sociais no ambiente que antes era natural, com isso, entende-se as que as modificações antropocêntricas determinam o que se tornou aquele espaço em um período de tempo.

Os conceitos de paisagem e lugar se fazem presentes no componente currículo de Geografia, uma vez que se trata de concepções específicas da ciência geográfica.

Considerar o trabalho do professor de Geografia com essas abordagens nos faz questionar a quais metodologias de ensino são viáveis para o desenvolvimento de práticas pedagógicas nas aulas de Geografia.

Dessa forma, por se tratar de percepções do ambiente que foram modificadas ao longo do tempo, como características que definem os conceitos de paisagem e lugar, o uso das fotografias pode ser adotado como um recurso de integração a esses temas, tornando as aulas da disciplina de Geografia mais acessível e de fácil compreensão.

Desta forma, a presente pesquisa, foi norteada pelo seguinte questionamento: Como desenvolver práticas pedagógicas para abordar os conceitos de paisagem e lugar, utilizando como ferramenta diversificada a fotografia para o ensino de geografia?

Portanto, o objetivo geral deste trabalho de pesquisa foi investigar a aplicação de uma sequência didática com o propósito de proporcionar reflexões aos alunos a partir das análises de fotografias de espaços locais do nosso município (Cruzeiro do Sul-PR) que foram modificados pelas ações do homem, para contextualizar o que é o conceito de lugar. Esse conceito enquadra-se como tema específico da Geografia.

Como objetivos específicos (a) analisar o uso das fotografias da região local como ferramenta norteadora para compreensão de conceitos geográficos de paisagem e lugar; (b) elaborar uma ficha de análise a partir da concepção prévia dos alunos sobre a semiótica das fotografias locais que mostram as modificações ocorridas no espaço geográfico; e (c) desenvolver e aplicar uma sequência didática em que o uso de fotografias possam contribuir com a contextualização de assuntos pertinentes ao currículo básico: conceitos de paisagem e lugar.

Para facilitar a descrição das informações abordadas na presente pesquisa, apresentarei na primeira seção intitulada “A Ciência Geográfica: concepções de paisagem e lugar”, destacando algumas considerações sobre as definições desses

termos que serão trabalhos e alguns pressupostos sobre os conceitos abordados na seção, as considerações realizadas fazem referências a evolução geográfica. Os estudos fazem menções nas vertentes geográficas: humanística fenomenológica e da Geografia Crítica.

De acordo com Tuan (1983), dentro da Geografia Humanística os estudos focam nas experiências do homem com o espaço, citando os significados que os seres humanos atribuem à um lugar. Explorando as relações das pessoas com os lugares que elas ocupam ou habitam, destacando sobre os sentimentos que há nessa junção do homem e do lugar e sua importância para estar morando nesse espaço.

Essa relação de espaço e sentimento é tratada através dos princípios da fenomenologia geográfica. Relph (1976) explana sobre a perda da identidade dos lugares, na qual os seres humanos buscam como lugar, locais que eles já conhecem e que tem uma atribuição de sentimento, fazendo com que todos os lugares se tornam iguais ou que se transformam de acordo com as relações emocionais de quem o transforma, sempre buscando a mesma forma.

Segundo Harvey (1980), a Geografia Crítica tem como objetivo expor as desigualdades socioeconômicas geradas pelo capitalismo, percebendo uma criticidade maior nas grandes cidades. E, de acordo com Santos (2000), o processo de globalização que vem ocorrendo intensifica ainda mais as desigualdades espaciais, afetando diretamente os países periféricos.

Essas vertentes nos mostra um avanço na evolução geográfica, quando começou a ser sistematizado os conceitos de paisagem e lugar. Abordando a paisagem natural, as relações do homem com o espaço e as criticidades sobre os lugares em desenvolvimento no mundo globalizado. Nos mostrando algumas mudanças ao longo do tempo sobre os dois conceitos destacados.

Na segunda seção intitulada “O ensino de Geografia na Educação Básica” apresentamos como os conceitos geográficos de paisagem e lugar estão sendo abordados nos documentos norteadores da educação básica a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No estado do Paraná temos um currículo próprio, o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP), em que apresentamos como esses temas estão dispostos nas seriações do Ensino Fundamental II. Apresentamos também algumas dificuldades a serem superadas.

Na seção seguinte, intitulada “Fotografias como Recurso para o Ensino de Geografia”, apresentamos a definição de fotografia e sua importância para a

sociedade e para nossas vidas, bem como, a sua versatilidade para se usar em sala de aula e algumas reflexões quanto ao uso dessa ferramenta como recurso facilitador da prática educativa no ensino de Geografia, abordando possibilidades, desafios e o método de análise de recursos midiáticos pela ótica da análise semiótica.

Na seção “Metodologia”, abordamos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento dessa pesquisa, descrevemos a forma com o qual a sequência didática foi elaborada e os caminhos que levaram para a sua aplicação com os estudantes e, mais adiante, o desenvolvimento no ambiente escolar.

A aplicação desta pesquisa foi realizada em um Colégio Estadual¹ de Ensino Fundamental II, localizado no município de Cruzeiro do Sul, situado na região noroeste do estado do Paraná. O regime de estudo desse colégio é o modelo Integral.

Os materiais coletados estão dispostos na seção seguinte, intitulada como “Resultados e Discussão” em que apresentamos os resultados encontrados a partir da ação metodológica adotada incluindo cada etapa e os resultados obtidos a partir da aplicação da sequência didática contendo aplicação de questionários, visita de campo, análise semiótica de fotografias e reaplicação de outros questionários.

Por fim, apresentamos as “Considerações Finais”, na qual, destacamos alguns dos alcances dos objetivos e dificuldades encontradas para a concretização da pesquisa.

¹ De acordo com as orientações do Comitê de Ética pautado nessa pesquisa, o nome do colégio será preservado e intitulado como Colégio Estadual.

2. A CIÊNCIA GEOGRÁFICA: CONCEPÇÕES DE PAISAGEM E LUGAR

O ensino de Geografia abrange o trabalho voltado a algumas conceituações de termos específicos, dentre eles, destacamos as definições de lugar, região, paisagem, sociedade, natureza e território. De acordo com Santos (1988), esses conceitos são fundamentais para a compressão do espaço geográfico e a sua relação com a sociedade em geral, sendo indispensáveis no ensino de Geografia.

Nesse tópico os conceitos que serão explanados de forma sistemática são: lugar e paisagem. Os demais: região, sociedade, natureza e território não serão objetivos de estudo desse trabalho.

Segundo Santos (1988), esses conceitos geográficos permitem que os estudantes compreendam de forma crítica a organização espacial e as dinâmicas que existem entre o homem e meio, possibilitando que os estudantes criem uma consciência sobre as definições de espaço. E, vai além, com o estudo desses conceitos e suas definições, os estudantes podem compreender de forma mais abrangente os processos socioespaciais que moldam as estruturas sociais que eles vivem, em uma perspectiva crítica geográfica (Santos, 1988). Situamos que essas abordagens não nasceram ao mesmo tempo e nem todas serão discutidas neste trabalho, vamos nos deter aos conceitos de paisagem e lugar.

Em outra perspectiva, é importante ressaltar que, além dos estudos desses conceitos geográficos para a compreensão do que é espaço. Devemos entender que a Ciência Geográfica tem como base teorias, métodos e, conforme já explicado, os conceitos. Essas bases fazem a junção dos objetos de estudos dessa área.

Por outro lado, o componente curricular da Geografia se refere a união de saberes dessa ciência que foram convertidos, selecionados e organizados em conteúdos escolares, sendo disponibilizado em uma estrutura curricular (Cavalcante, 2005).

Segundo Cavalcante (1991), a Geografia é uma ciência associada a práticas sociais, sendo uma representação do mundo pautado nas ações sociais em relação ao espaço terrestre. Assim, um raciocínio geográfico seria um modo de pensar o espaço, para que seja possível atuar sobre ele.

As concepções de espaço, paisagem e lugar são fundamentais para a Geografia Humanística, cujas bases na fenomenologia e visam em compreender e

valorizar as experiências do indivíduo e dos grupos com o meio em que vivem, relacionando com os comportamentos e os sentimentos com os seus lugares de vivência (Christofolletti, 1985).

Dentro da Geografia Tradicional, o geógrafo Vidal de La Blache (1922) explica que o conceito de lugar está relacionado com as ações dos seres humanos que não eram determinadas pelo ambiente em que elas estavam, mas que podiam adaptar, modificar os lugares de acordo com as necessidades específicas de cada grupo. O conceito de lugar foi definido conforme as características naturais e culturais próprias de cada localização e individualidade de um determinado espaço.

Ainda para a Geografia Humanística, o conceito de lugar se torna um dos conceitos chave, a qual, compreende o espaço vivido, referente às percepções, relações e ligações subjetivas do sujeito para com o espaço em que está inserido (Cavalcante, 1991; Costa; Rocha, 2010).

Assim, levando-se em consideração que cada indivíduo possui atitudes, valores e visões com relação ao ambiente, temos por definição, o lugar como sendo aquele em que o indivíduo se encontra integrado e ambientado possuindo significado afetivo (Costa; Rocha, 2010).

O geógrafo Yi-Fu Tuan (1983) discute o conceito de lugar a partir do termo topofilia, em que o define como o elo afetivo entre um indivíduo e o lugar, considerando percepções, atitudes e valores que envolvem as relações das pessoas com o seu meio.

Tuan (1983) discorre que os lugares se tornam importantes ao atribuirmos características a eles, as quais destacam-se nas definições de paisagem, dando significação através do olfato, paladar e da visão, causando apego e afetividade. Essas experiências adquiridas bem como as práticas sociais vivenciadas em um lugar criam uma identidade pessoal de forma a se relacionar com a história da pessoa, desse modo temos também que “Lugar é uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais [...] sentir um lugar é registrar pelos nossos músculos e ossos” (Tuan, 1983, p. 203).

Pela perspectiva da Geografia Crítica, a concepção de lugar valoriza as questões políticas e econômicas, sendo analisado pelos combates entre as classes sociais, assim, o lugar seria o espaço do particular junto aos elementos culturais e históricos, revelando identidades e contradições da globalização (Cavalcante (1991).

Nessa visão crítica, há uma inter-relação entre as escalas local, regional, nacional e global, em que, seria impossível estudar o lugar sem suas conexões com o global pelas redes e fluxos. Ou seja, para a compreensão das estruturas do mundo moderno é necessário a relação de todos esses fatores que conectam os territórios e as regiões. De acordo com Santos (2000) são as redes e fluxos que moldam o espaço geográfico e fazem todas as dinâmicas de ligação entre os pontos anteriormente abordados.

Desta forma, Massey (2005), cita que o lugar não é um conceito fixo, mas sim, dinâmico, tendo sua formação desenvolvida por múltiplas interações e fluxos.

Para Tuan (1983) o lugar é uma construção subjetiva resultante das experiências e percepções individuais, sendo relacionado como um local de segurança, de liberdade. Essa noção de lugar remete a uma transformação através das questões emocionais e físicas, se tornando mais importante que uma simples localização geográfica.

Posto algumas reflexões quanto às definições de lugar, nos deteremos agora com as concepções de paisagem, denominada por Colavite e Passos (2010) como um dos primeiros conceitos basilares para a Geografia.

Inicialmente, esse conceito aparece ligado à paisagem natural, compreendida pela composição dos elementos naturais como o clima, vegetação, solo, relevo, e, posteriormente, à ideia de paisagem humanizada, ou seja, compreendida pelo resultado das relações entre homem e natureza, bem como as suas transformações (Costa; Rocha, 2010).

Os geógrafos comumente explicam a paisagem como uma materialização das relações homem-natureza, sendo o limite dessa paisagem tudo aquilo que a visão alcança. Há ainda, os que consideram além do visível, sendo a paisagem também o resultado da articulação entre os seus elementos constituintes, assim também fariam parte a estrutura, morfologia e divisão, ou seja, os elementos naturais e tecnológicos e as dimensões socioeconômicas e culturais (Suertegaray, 2001).

Ainda segundo Suertegaray (2000), os conceitos geográficos requerem níveis abstratos e possibilidades operacionais diferenciadas para sua compreensão. Para ele, os conceitos de espaço geográfico podem ser trabalhados a partir dos conteúdos de paisagem e/ou lugar, pois as “paisagens contêm territórios que contêm lugares que contêm ambientes valendo, para cada um, todas as conexões possíveis” (p. 31).

De modo geral, existem várias definições para o conceito de paisagem, desde as conceituações abstratas, como por exemplo, através das cores em regiões de mata, onde o exímio vem do verde, nos grandes centros com as construções e o trânsito ou nas viagens ao analisarmos as paisagens que os olhos conseguem observar. Ou seja, é definido como paisagem tudo que os olhos abrangem.

Ideias de Passos (2000) afirmam que o termo paisagem era carregado de conceitos romântico-naturalista, entretanto no século XX esse conceito passou a ter definição científica. Para ele, a paisagem é resultado de uma produção histórica construída pelo homem, por meio de sua organização social, cultural e tecnológica. Assim, o espaço seria o resultado de três dimensões: natural, social e histórica.

É preciso lembrar que a natureza e a paisagem são conceitos divergentes. Conforme Passos (2000) a natureza não é paisagem, ela existe em si mesma, já a paisagem só existe quando mantida sob relação com o homem, a medida em que a constrói historicamente.

Na visão de Santos (1988) a paisagem é definida a partir de “[...] tudo aquilo que nossa visão alcança [...] esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (p. 61). Cada um desses pontos pode ser percebido ao longo dos séculos, com as constantes mudanças que ocorrem vindas das ações antrópicas, seja no meio natural ou nas sociedades.

As ideias de Vitte (2007) afirmam que o geógrafo brasileiro Aziz Ab' Saber contribuiu com os estudos sobre as paisagens naturais, o qual, recuperou o conceito da fisiologia da paisagem, compreendendo-a como o resultado da interação entre os processos antigos, que deram forma a compartimentalização regional da superfície e os processos atuais, que resultam da dinâmica das paisagens com outras dimensões.

É possível também analisar a paisagem pela ótica da fenomenologia, Corrêa (2003), por exemplo, pontua que a paisagem apresenta características subjetivas, sendo um produto da ação humana ao longo do tempo formada por uma dimensão simbólica, de crenças e valores. Assim, concorda com as ideias de Claval (2001) em que a paisagem traz a concepção da ação produtiva do homem e seus meios de habitar o mundo, pois é marcado pelas técnicas humanas de dominar e moldar a sociedade atendendo às suas necessidades e respondendo as convicções religiosas, culturais, ideológicas e gostos estéticos de determinados grupos.

Desta forma, a paisagem também constitui um elemento documental para compreender culturas e organizações sociais do passado uma vez que ela se constitui pelas transformações humanas sobre o meio natural, fazendo uso de suas técnicas disponíveis, modificando o espaço conforme sua cultura e técnica (Claval, 2001).

Dentro dos estudos voltados sobre a paisagem, destacamos duas correntes para esse conceito atualmente. A Corrente Sistêmica e a Paisagem Cultural.

A Corrente Sistêmica foi abordada pelo geógrafo russo Sochtchava (1974) em que o autor propõe que a geografia sistêmica é composta por um sistema principal, que é o espaço geográfico. Mas para completar esse sistema, existem outros subsistemas, sendo-os, humanos, naturais e econômicos. Esses subsistemas estão interconectados e agem em interações.

O geógrafo francês Bertrand (1978) contribuiu para a geografia sistêmica, ao realizar análises sobre a paisagem e o meio ambiente. O autor considera as relações entre os elementos naturais como clima, solo, relevo, vegetação, hidrografia e geologia junto às ações antrópicas como fatores que formam a morfologia da paisagem. Já a visão cultural prioriza a cultura humana em que se analisa o vínculo existente entre o homem e o lugar.

Por outro lado, a corrente da Paisagem Natural é o resultado dos estudos entre as interações da natureza e da sociedade, destacando o papel desenvolvido pelas atividades humanas, que transformaram e organizaram o espaço (Sauer, 1956).

De acordo com Sauer (1956), as modificações realizadas pelo homem ao longo do tempo no ambiente natural são chamadas de morfologia da paisagem. Desta forma, o autor ainda defende que não há uma determinação vinda do meio ambiente para as ações do homem, ou seja, os recursos disponíveis não vão limitar as ações antrópicas naquele lugar. Mas que há uma ação humana que molda o ambiente através da criatividade, formando paisagens de culturas variadas (Sauer, 1956).

Ainda para Sauer (1956), a importância da paisagem, como as culturas humanas, molda o meio e como são modificadas, seja pelo meio ambiente ou por outras gerações ao longo dos anos. Assim, destacamos a importância da percepção do que é paisagem, como se comporta e quais os pontos principais para compreendê-la.

A paisagem no âmbito geográfico é voltada para as coisas que são concretas, nas relações naturais às antrópicas, percebidas, ouvidas, que tem relação com o

paladar e o tato, adquirindo interpretações próprias em conformidade com as teorias em que foi gerada.

No campo da Geografia Humanística este conceito surge no âmbito da sua consolidação no início da década de 1970. Sua linha de pensamento caracteriza-se principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente.

Para os seguidores da corrente humanística, o lugar é principalmente um produto da experiência humana: “(...) lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas à tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança” (Relph, 1979). Ou ainda, “lugar é um centro de significados construído pela experiência” (Tuan, 1975).

Trata-se na realidade de referenciais afetivos os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas a partir da convivência com o lugar e com o outro. Eles são carregados de sensações emotivas principalmente porque nos sentimos seguros e protegidos (Mello, 1990); ele tanto nos transmite boas lembranças quanto a sensação de lar (Tuan, 1975; Buttimer, 1985).

Nas palavras de Buttimer (1985, p. 228), “lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas.

No entanto, seria possível a um indivíduo apaixonar-se a primeira vista por um lugar tal qual por uma pessoa (Tuan, 1983). Em contraste, uma pessoa pode ter vivido durante toda a sua vida em determinado local e a sua relação com ele ser completamente irreal, sem nenhum enraizamento.

Uma outra caracterização das relações Homem-meio foi realizada por Mello (1990), baseada principalmente nas obras de Tuan (Espaço e Lugar, 1983) e de Relph (Place and Placelessness, 1976). Assim, ele identifica três principais categorias; o lugar, conforme já discutido, é recortado afetivamente, e emerge da experiência sendo assim um “mundo ordenado e com significado” (Tuan, 1983, p. 65). O lugar é fechado, íntimo e humanizado (Tuan, 1983, p. 61); já o espaço seria qualquer porção da superfície terrestre, ampla, desconhecida, temida ou rejeitada e provocaria a sensação de medo, sendo totalmente desprovido de valores e de qualquer ligação afetiva. Neste contexto, o lugar está contido no espaço. No entanto, as experiências nos locais de habitação, trabalho, divertimento, estudo e dos fluxos transformariam os espaços em lugares.

Em outras palavras, os elementos naturais, antrópicos, culturais e socioeconômicos atuam e modificam a paisagem. Por outro lado, na questão que envolve o lugar, o que atua nesse conceito são as significações para o homem, as questões que envolvem valores, emoções e experiências.

Compreender essas conceituações não se resume a esses dizeres, pois há uma rede de discussões teóricas que fomentam e defendem cada ideia. Conhecer a diferença e relações entre esses termos é fundamental pois cada um oferece uma perspectiva sobre como a geografia vê e interpreta seu objeto de estudo, em destaque para os conceitos de paisagem e lugar.

Postulado algumas definições que diferem os conceitos de paisagem e lugar dentro da geografia, detemo-nos agora a dispor reflexões a como esses conceitos se apresentam no currículo básico para o ensino deste componente curricular.

3. O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

O ensino de geografia deve oportunizar a compreensão do mundo em que o estudante vive, na medida em que aborda as ações humanas desenvolvidas nas distintas sociedades existentes das variadas regiões do planeta (Brasil, 2018). Ao mesmo tempo, a educação geográfica oferece contribuições para

a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças (Brasil, 2018, p. 359).

Assim, para que o aluno seja capaz de fazer uma leitura do mundo em que vive com base nas aprendizagens em geografia, é preciso haver estímulos ao pensamento espacial, sendo possível desenvolver um raciocínio geográfico “para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza” (Brasil, 2018, p. 360).

Quando o estudante aplica os conhecimentos geográficos associados ao pensamento espacial é possível que reconheça também “a desigualdade dos usos dos recursos naturais pela população mundial; o impacto da distribuição territorial em disputas geopolíticas; e a desigualdade socioeconômica da população mundial em diferentes contextos urbanos e rurais” (Brasil, 2018, p. 361).

Pensar no ensino de geografia requer delimitar algumas reflexões quanto ao objetivo desse ensino, para tanto, recorreremos às considerações pontuadas no documento norteador da Educação Básica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), estabelecida desde 2018, em que, também traz as afirmações de Cavalcanti (2010, p. 07) de que

“ensinar Geografia não é apenas ministrar um conjunto de temas e conteúdo, mas é, antes de tudo, ensinar um modo específico de pensar, de perceber a realidade. Trata-se de ensinar um modo de pensar geográfico, um olhar geográfico, um raciocínio geográfico. Assim, o pensamento espacial é uma ferramenta para pensar geograficamente, sendo o mesmo um processo cognitivo necessário para compreender os fenômenos sociais e naturais existentes na sociedade (p. 07).

De acordo com a BNCC, não há uma especificação para o trabalho docente com os conceitos de paisagem e lugar para os estudantes do Ensino Médio. Nessa

etapa é responsabilidade do professor reconhecer tais concepções, junto às habilidades a serem desenvolvidas no componente Espaço e Tempo, que estão previstos no documento (Brasil, 2018). O documento apenas aborda que as categorias geográficas são importantes no processo de ensino aprendizagem de geografia, mas não explicita seus significados, esses conceitos são essenciais à compreensão e interpretação de fenômenos e processos socioespaciais que se manifestaram no espaço.

O conceito de lugar está implicitamente associado ao contexto geral da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas – componente curricular de Geografia, destaca-se na área histórica através da análise dos fatos ocorridos ao longo da ocupação humana, observando as semelhanças e distinguindo as diferenças dos acontecimentos ocorridos ao longo da história.

Para o Ensino Fundamental II, o ensino de Geografia é orientado para o trabalho com as noções espaço-temporal, remetendo a ideia de que o homem produz seu espaço, se apropriando em determinada circunstância histórica, compreendendo-a com a identificação das ações realizadas pelo ser humano no passado e no presente (Brasil, 2018).

Frente às habilidades que o ensino dos conceitos de espaço-tempo deve promover no ensino de geografia, destacamos aqueles pertinentes ao ensino do conceito de paisagem e suas variações ao conceito de lugar, presentes na BNCC do Ensino Fundamental II, para obter um parâmetro sobre como esse conceito é abordado no currículo e quais seriaçãoes apresentam maior abrangência.

Desta forma, destacamos no Quadro 1, um levantamento com essas constatações, com as habilidades a serem trabalhadas no ensino de geografia que abordassem os conceitos de paisagem e lugar. Evidenciamos que o referido quadro foi organizado conforme a estrutura curricular presente na BNCC, sendo elencados somente os conteúdos com dizeres referentes às temáticas de interesse para essa pesquisa.

Quadro 1. Habilidades e objetivos de aprendizagem para o ensino de Geografia.

Seriação	Objetos de conhecimento	Habilidades
6º Ano	Identidade sociocultural	Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos. Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários e demais comunidades tradicionais existentes no território paranaense. Identificar as espacialidades dos diferentes grupos culturais.
	Transformação das paisagens naturais e antrópicas	Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização. Reconhecer as atividades primárias, secundárias e terciárias enquanto atividades transformadoras do espaço natural, econômico e social. Explicar as mudanças na interação humana com a natureza, a partir do surgimento das cidades e do uso das tecnologias.
	Dimensões econômica, política, socioambiental e cultural/demográfica do espaço no desenvolvimento do raciocínio geográfico	Compreender os conceitos geográficos: lugar, paisagem, região, território, sociedade, rede e escala geográfica de acordo com os conteúdos a serem abordados ao longo do ano letivo.
7º Ano	Ideias e concepções sobre a formação territorial do Brasil e do Paraná	Avaliar, por meio de exemplos extraídos dos meios de comunicação, ideias e estereótipos acerca das paisagens e da formação territorial do Brasil e do Paraná.
	Dimensões econômica, política, socioambiental e cultural/demográfica do espaço no desenvolvimento do raciocínio geográfico	Compreender os conceitos geográficos: lugar, paisagem, região, território, sociedade, rede e escala geográfica de acordo com os conteúdos a serem abordados ao longo do ano letivo.
	Biodiversidade brasileira	Estabelecer relação entre as dimensões territoriais, a localização geográfica e as diferentes paisagens naturais brasileiras.
8º Ano	Dimensões econômica, política, socioambiental e cultural/demográfica do espaço no desenvolvimento do raciocínio geográfico	Compreender e analisar criticamente os conceitos geográficos: lugar, paisagem, região, território, sociedade, rede e escala geográfica de acordo com os conteúdos a serem abordados ao longo do ano letivo.
	Diversidade ambiental e as transformações nas paisagens na América Latina e África	Identificar paisagens da América Latina, África e associá-las, por meio da cartografia, aos diferentes povos da região, com base em aspectos da geomorfologia, da biogeografia, da geodiversidade e da climatologia.
9º Ano	As manifestações culturais na formação populacional	Relacionar diferenças de paisagens aos modos de viver de diferentes povos na Europa, Ásia e Oceania, valorizando identidades e interculturalidades regionais.
	Dimensões econômica, política, socioambiental e cultural/demográfica do espaço no desenvolvimento do raciocínio geográfico.	Compreender e analisar criticamente os conceitos geográficos: lugar, paisagem, região, território, sociedade, rede e escala geográfica de acordo com os conteúdos a serem abordados ao longo do ano letivo.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Brasil (2018) e Paraná (2020).

De modo geral, o quadro apresentado ao referenciar-se sobre lugar e paisagem, está associado com as dimensões econômicas, política, socioambiental e

cultural/ demográfico do espaço desenvolvido do raciocínio geográfico, independente da série.

No entanto, nota-se que os conteúdos previstos para a abordagem da paisagem e lugar no 6º ano baseiam-se na percepção da identidade sociocultural do estudante, uma vez que para essa faixa etária é um modo de incorporar os conceitos geográficos de modo introdutório às vivências dos estudantes.

Ainda, para essa seriação, propõe-se o reconhecimento dos lugares de vivência, os diferentes usos do espaço para a tomada de consciência da interferência humana no espaço e compreender o conceito de natureza, a disputa territorial e o reflexo dos modos de vida em sociedade que são retratados nas paisagens (Brasil, 2018).

Para o 7º ano, notamos que o conteúdo se objetiva em aprofundar os conceitos de formação territorial envolvendo a dinâmica físico-natural, articulados às ações humanas no território (Brasil, 2018). Ainda, destacamos que para elencar a habilidade de relacionar as diferentes paisagens naturais brasileiras é essencial que sejam trabalhados os conceitos de paisagem, como visto na seção anterior, esse tema não se refere apenas a ambientes naturais.

Para os 8º anos, a grade curricular baseia-se no espaço mundial tematizando as dimensões políticas, culturais e econômicas. Segundo o documento

Considera-se que os estudantes precisam conhecer as diferentes concepções dos usos dos territórios, tendo como referência diferentes contextos sociais, geopolíticos e ambientais, por meio de conceitos como classe social, modo de vida, paisagem e elementos físicos naturais, que contribuem para uma aprendizagem mais significativa, estimulando o entendimento das abordagens complexas da realidade, incluindo a leitura de representações cartográficas e a elaboração de mapas e croquis (Brasil, 2018, 385).

Sendo assim, notamos que os conceitos de paisagem precisam estar conceituados para uma compreensão de que a paisagem, em seu contexto, pode retratar os modos de vida, componentes naturais, situação social e econômica de um espaço.

No último ano do Ensino Fundamental, o ensino de Geografia concentra-se na constituição da nova (des) ordem mundial, a globalização, a mundialização e suas consequências. Desta forma, espera-se que os alunos compreendam a produção social do espaço e a transformação que sucede na formação do território. Assim, novamente vemos os conceitos de paisagem e ação, por abranger todos os fatores

que se relacionam e modificam uma paisagem como resultado da produção antrópica de cada região.

Podemos perceber que em todas as seriações aparece o conceito pertinente as dimensões econômica, política, socioambiental e cultural/demográfica do espaço no desenvolvimento do raciocínio geográfico. Este tem o objetivo de desenvolver a habilidade de compreensão e análise crítica dos conceitos geográfico de lugar, paisagem, região, território, sociedade, rede e escala geográfica de acordo com os conteúdos a serem abordados ao longo do ano letivo (Brasil, 2018), uma vez que se referem a conceitos chave essenciais para a assimilação da rede de contextos que cada temática que a geografia envolve.

Tendo o espaço como um conceito amplo e complexo da geografia, é essencial que os estudantes dominem os conceitos operacionais e que abrangem aspectos diferenciados do espaço geográfico como esses referentes aos conceitos de paisagem, lugar, território, região e natureza (Brasil, 2018). Entretanto, o documento não define esses temas, sendo necessária estratégias docentes para encontrar os meios para trabalhar com essas definições.

Faz-se necessária uma visão geográfica quando associamos as questões culturais e suas complexidades como perceptíveis à análise do conceito de lugar. Em outras palavras, a questão territorial entre as duas áreas humanas (Geografia e História), é aplicado junto ao termo território, o qual é definido por uma porção de terra ou espaços que possuem regras, leis e áreas administrativas, dividindo-se em fronteiras, sendo-as através de pontos naturais (montanhas, rios, florestas etc.) (Raffestin, 1993). Nesse mesmo sentido, pode ser por divisão política, a qual é definida pela localização de uma fronteira, seja por um marco, rios, cercas, rodovias e outros pontos tradicionais. Evidenciamos que essas funções são destacadas pelo documento acima citado, definindo de forma geral a função do território, que é uma característica do lugar. Tendo as divisões baseadas em interesses econômicos, políticos e sociais (Santos, 1979).

Em geral, quando o componente curricular de Geografia é ensinado para os estudantes do Ensino Fundamental II, os alunos pouco compreendem a noção de lugar e paisagem, mantêm pensamentos superficiais ou acrítico, têm dificuldades de estabelecer relações com sua vida cotidiana, a título de exemplo, a significância de um lugar e a importância de sua elaboração, seja para uma dada cidade, as próprias residências ou mesmo do motivo da escolha de uma área para uma construção.

Utilizar ferramentas que mostram a paisagem, pode ser considerada um instrumento importante de associação com o aprendizado da geografia, pode desenvolver nas crianças e adolescentes uma compreensão diferente desse termo, identificando seus elementos, suas práticas sociais, seu histórico, influências culturais, dinâmicas naturais e a própria interação que ocorre entre eles (Puntel, 2007).

Transpor os conceitos da ciência geográfica para o ambiente escolar requer um cuidado conceitual, pois, as definições e teorias precisam passar por um processo de didatização para que sejam compreendidas pelos estudantes. Segundo Santos (2010), a geografia se refere a uma ciência ligada à vida, portanto se relaciona com o cotidiano do aluno. Dessa maneira, a inicialização da aprendizagem em geografia, requer aproximar a realidade do estudante aos conceitos desse componente curricular.

Além disso, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) para a construção de saberes geográficos é essencial estabelecer ações com habilidades que visem em operar métodos de observação, descrição, representação e construção. Tratam-se de saberes que fazem parte da ocupação da geografia em descrever a superfície terrestre e as relações humanas que ali acontecem.

Para Compos (2010) o ensino de geografia apresenta um caráter interdisciplinar,

por fazer uso de conhecimentos das mais diversas áreas, como economia, sociologia, agronomia etc., ela apresenta, na escola, um vasto conjunto de elementos significativos da cultura que permite aos alunos obter uma visão menos fragmentada da realidade, compreender como o espaço é produzido pela sociedade e nele atuar de modo consciente e crítico (Compos, 2010, p. 9).

Nesse sentido, a aprendizagem de geografia está associada a um processo de continuidade, em que o estudante avança em conceitos relativos à presença e a importância da natureza, as suas relações com os indivíduos e a sociedade, na interferência e construção do espaço. Desse modo, a paisagem e o lugar são referências para o professor organizar seus métodos para introduzir os alunos nos espaços globalizados (Morais, 1999),

Segundo Pontes e Rodrigues (2022), categorizar e observar

os elementos presentes na paisagem é o ponto inicial para uma compreensão mais ampla das relações entre a natureza e a sociedade. Por causa de questões políticas, hábitos culturais ou atividades econômicas é possível

analisar as transformações que a paisagem sofre, expressas de diferentes maneiras no próprio meio em que os alunos vivem (p. 02).

Assim, seria possível problematizar as interações existentes entre a realidade objetiva do aluno, entre o espaço local e global, enfatizando as semelhanças e diferenças, permanências e transformações (Pontes; Rodrigues, 2022).

Nesse contexto, é possível mencionar a utilização dos livros didáticos na disciplina, cujas representações podem firmar uma defasagem entre o conteúdo geográfico presente no livro e a realidade do aluno, gerando dificuldades em articular o cenário retratado com a realidade imediata do estudante (Dias, 2001). Tal análise articula as limitações presente nos livros didáticos, mas são os limites que o professor em sala de aula deve quebrar para suprir essas limitações, tais como como textos interativos sobre a geografia regional e local para os alunos em sala de aula.

No que se refere a formação de professores de geografia e sua atuação profissional no contexto da escola pública no Paraná, sabe-se que o livro didático representa possibilidades e limitações. As limitações, por exemplo, se tratariam em restringir a ação pedagógica exclusivamente a esse material de apoio. No sentido oposto, os livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em geral, apresentam imagens, gráficos, tabelas e mapas que podem ser ferramenta para a compreensão de conceitos geográficos, em contraposição a mera memorização de conceitos e descritores. O desenvolvimento de uma visão geográfica humanista é fundamental a formação dos estudantes alunos, justamente possibilitando análises e percepção do seu próprio lugar, compreensão da importância histórica e da significação do espaço (Paraná, 2020; Brasil, 2018). Nesse sentido, o ensino de Geografia, bem como outras ciências aplicadas no currículo escolar, empenhado na formação e desenvolvimento da capacidade crítica dos jovens precisaria empenhar-se para além do desenvolvimento de destrezas e saberes que não se reduziriam apenas a mera preparação para o bom desempenho em provas ou avaliações formais. O caminho inverso, resultaria em ausência de fundamentação para que o aluno se torne emancipado, autônomo, crítico, reflexivo e com uma percepção de mundo aguçada.

Cavalcanti (2013) destaca que esse modelo é chamado de empirista ao falar que

ensinar os objetos, os fatos, os acontecimentos, com o objetivo único (ou principal) do ensino de Geografia, como se fossem dados a serem constatados, memorizados, descritos, em si mesmos, como se fossem “coisas” que tivessem sentido e significado neles mesmos (2013, p. 52).

Nesse sentido, faz-se necessário que o professor de geografia atue na composição de significância para a compreensão dos conceitos geográficos de forma crítica e científica. De forma que o conhecimento prematuro dos alunos de forma comum seja superado em prol de uma formação crítica a partir de conhecimentos que os alunos adquiriram da e com a sociedade. O professor de Geografia deve buscar meios de assimilação dos conteúdos com a realidade e o cotidiano dos alunos (Cavalcanti, 2010), pois se existir desconexão do real com o conteúdo trabalhado poderia desencadear desinteresse dos alunos bem como dificuldades para interagir com os conceitos geográficos. De fato, há a necessidade de um adequado embasamento teórico para tornar a geografia relevante de forma que possa estar articulada e aplicada a realidade imediata dos alunos.

Freire (1996), ao propor uma prática pedagógica libertadora e emancipatória, prevê um processo de construção de um novo conhecimento que emerge da prática pedagógica, conhecimento que é fruto da partilha e comunhão dos conhecimentos socializados entre educador e educandos. Esse processo de emancipação e libertação almeja uma relação entre os saberes escolares e os saberes trazidos pelos estudantes, de forma que haja transformação de prática social a partir dos conhecimentos científicos que são sistematizados na escola. Conhecer os saberes dos estudantes e sua realidade social integram para os docentes uma parte fundamental para a formação do estudante.

Nesse sentido, a geografia trabalhada na escola, deve voltar-se aos conceitos cotidianos trazidos pelos alunos, para confrontá-los e sistematizá-los ao raciocínio geográfico (Cavalcanti, 2010).

Os alunos carregam consigo parcelas de conhecimentos ingênuos, não sistematizados e até desarticulados da realidade imediata; conhecimentos que podem ser mediados a partir da reflexão e dos conteúdos geográficos trabalhados em sala de aula e fora dela. Em geral, esses conhecimentos dos estudantes são oriundos de suas observações e vivência rotineira, da relação com seu círculo social, da visualização da *internet*, de *Fake News*, de desinformação, de filmes, seja sobre o campo ou sobre as cidades. Moreira (1994) destaca que “não precisamos frequentar

a escola para comungar com a Geografia. Nós a percebemos e a aprendemos por força do nosso próprio cotidiano” (p. 56). Nesse sentido, ao falarmos do conhecimento geográfico e dos saberes escolares, estes se relacionam à vivência dos alunos, experiências que eles têm mesmo sem perceber (por exemplo, quando saem de casa para brincar na rua, quando andam de uma esquina a outra ou o simples fato de ir ao supermercado). Apesar dessa relação, os saberes escolares almejam a emancipação do estudante de forma que eles reelaborem essa compreensão da realidade imediata e das narrativas que emergem também das relações intrínsecas de lugar e afetividade.

Já na escola, o ensino se torna científico, com ênfase na construção de conhecimento a partir dos conceitos geográficos, da análise de dados, das informações no livro didático e dos fatos mundiais que são recorrentes nas aulas. É papel fundamental do professor dialogar a fim de aproximar tais eventos da experiência pessoal do estudante. De modo que aproxime a realidade global com a questão local, contribuindo para a formação do aluno, aproximando-o da Geografia. Integra a emancipação do estudante perceber a importância dessa ciência, a fim que compreendam e valorizem o espaço que eles moram e exerçam a cidadania para também compreender de forma mais abrangente a Geografia mundial. O saber comum trazido pelo estudante, contribui para a apropriação do saber científico, abordado na escola (Freire, 1996; Cavalcanti, 2010).

O professor elabora processos de ensino com o objetivo de potencializar o aprendizado dos seus alunos uma vez que são vários os desafios enfrentados por esse profissional. No ensino fundamental, por exemplo, não há uma clareza por parte dos alunos quando é referenciado alguns termos e conceitos. Cabendo ao professor romper essa abstração (Vygotsky, 1991) dos alunos em alguns temas como os processos geológicos, os fenômenos naturais, condições climáticas e seus sistemas, pois são conceitos abstratos, que necessitam de contextualização e de alguma metodologia diferenciada para que os alunos compreendam e estejam ligados a aula.

A demanda de trabalho e o cansaço com a rotina escolar, por exemplo, podem ser algumas dificuldades de acesso a materiais adequados e instruções para o trabalho em sala de aula do professor de Geografia. Considerando a fotografia como uma forma de linguagem do ensino de Geografia (Silva, *et. al.*, 2018) se faz necessário o uso de ferramentas audiovisuais, aparelhos de tecnologias portáteis (*tablets* e *smartphones*) para propor ações que envolvam a classe nas atividades, aproximando-os do conteúdo, para visualização de mapas ou análises de escalas geográficas.

De acordo com Mayer (2008), a tecnologia pode ser utilizada em sala de aula para facilitar a aprendizagem dos estudantes. Esta ação, pode facilitar a assimilação dos conteúdos trabalhados pelo professor.

Em contra partida, Turkle (2011) discorre sobre os impactos que as relações tecnológicas e o ensino tradicional podem sofrer. Mostrando há uma resistência por parte de alguns educadores sobre o uso de tecnologia em sala, essa resistência se deve ao fato de criar barreiras ao ensino e às interações humanas em sala de aula.

Com a implementação da tecnologia em sala de aula, alguns profissionais do ensino de Geografia acabam tendo dificuldades em se integrar com os aparelhos, muitos não possuem formações adequadas ou específicas, faltando formação suficiente para ensinar determinados assuntos. Outro ponto, são os alunos que não têm acesso a essas tecnologias, não sabem utilizá-las e sofrem defasagens em suas aprendizagens. A oscilação com a conectividade às redes de internet é outro desafio encontrado para o ensino de Geografia.

A ferramenta do *Google Maps*, por exemplo, com modos de visualizações diversificadas e com tecnologias 3D, podem ser utilizadas como recursos de ensino, uma vez que nas instituições de ensino existe o programa *Educatron* (Paraná, 2022), na qual, uma televisão-computador está disponível para o uso. Os *kits Educatron* são compostos por um televisor de tela plana, acoplada a um computador e uma *webcam*, com conexão à *internet* via *wi-fi*. Segundo a Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná (SEED/PR), o *Educatron* é uma janela aberta para o mundo. Entretanto e, apesar dessas ferramentas, os estudantes ainda apresentam dificuldades para compreender termos geográficos. Compreensão que se estende à localização, já que não conseguem relacionar ou lembrar de informações sobre identificação dos continentes, países e cidades. De fato, alunos apresentam dificuldades em caracterizar as regiões geográficas.

A formação inicial do professor de geografia demanda, além de atualização em relação às tecnologias e ferramentas adequadas de ensino, compreensão das novas propostas pedagógicas e suas metodologias (Brasil, 2018). Nesse sentido, é preciso discutir o papel do professor no trabalho com estudantes que cursam o Ensino Fundamental II e ainda assim precisam desenvolver habilidades de leitura, escrita e compreensão textual.

O ensino de geografia demanda relação interdisciplinar com outros componentes curriculares como História, Sociologia, Ciências da Natureza e

Matemática. A interdisciplinaridade trata-se de processo metodológico para a construção do conhecimento pelo sujeito. De fato, esse processo se dá em relação com à realidade imediata do estudante, seu contexto social-histórico-político, sua realidade e sua cultura. A interdisciplinaridade passa a ser compreendida num movimento dialético entre o saber que emerge dos estudantes e da sociedade e do saber escolar que problematiza a realidade, desvelando-a (Freire, 2019). Saberes que necessitam de uma sistematização integrada desses conhecimentos interdisciplinares e que dialogam de forma crítica com a realidade.

A observação também pode contribuir com a prática pedagógica do ensino de Geografia. Essa ação contribui com a percepção e análise das relações entre os sujeitos entre si e o meio em que vivem (Moreira; Freitas, 2012). Desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), observar o espaço geográfico a partir do espaço vivido e da observação de suas formas, componentes e modificações ao longo do tempo, são princípios importantes para o trabalho docente com esses conceitos (Brasil, 2001). A Geografia ensinada no Ensino Fundamental II ainda enfrenta desafios relacionados ao já mencionado uso de ferramentas tecnológicas em sala de aula e buscar caminhos para ampliar a participação dos estudantes no que se refere ao próprio processo de aprendizagem e do compromisso com a promoção do ensino dessa ciência humana.

O estudo da Geografia permite atribuir sentidos às dinâmicas das relações entre pessoas e grupos sociais, e desses com a natureza, nas atividades de trabalho e lazer. É importante, na faixa etária associada a essa fase do Ensino Fundamental, é interessante o desenvolvimento da capacidade de leitura por meio de fotos, desenhos, plantas, maquetes e as mais diversas representações. Assim, os alunos desenvolvem a percepção e o domínio do espaço (Brasil, 2018, p. 367). Na seção seguinte, discutiremos acerca dos usos do recurso da fotografia para as aulas de geografia no Ensino Fundamental.

4. FOTOGRAFIAS COMO RECURSO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

A fotografia como recurso metodológico em sala de aula para o ensino de Geografia, pode ser compreendida como um fixador de formas e objetos dentro de uma realidade de sala de aula. Trata-se de uma fonte importante e que pode corroborar com a prática educativa enquanto recurso pedagógico curricular, é uma ferramenta que faz parte do mundo contemporâneo e é peça fundamental na vida de todos.

Desta forma, a fotografia é algo importante na vida das pessoas, ou seja, para registrar um momento, para relembrar pontos marcantes de alguma passagem que uma pessoa teve em sua trajetória ou de alguém.

Com a fotografia conseguimos interagir com eventos ou acontecimentos que foram registrados em dada época e fazer uma observação mais avançada acerca de uma informação que a foto nos mostra, analisando os pontos marcantes em cada detalhe da imagem.

Os detalhes marcantes em uma fotografia são mais perceptíveis, do que pontos negativos, isso se deve a vários fatores, sejam eles o ângulo, posição e outras fontes, são partes que nos levam a usar dessa ferramenta frequentemente, para qualquer ocasião. Como cita Sontag: “ninguém jamais descobriu a feiura por meio de fotos. Mas muitos, por meio de fotos, descobriram a beleza” (Sontag, 1982, p. 123).

Em outro momento, a foto é um registro de algo belo, de coisas que são importantes e guardam um sentimento pessoal e afetivo quanto ao que foi registrado. Salvo as fotografias que são oriundas de documentários, de programas sociais, que visam mostrar uma realidade e seus embasamentos, nesse caso, tende a ter um teor mais dramático, por conta da veracidade do que é mostrado (Sontag, 1982).

Portanto, o ato de fotografar o que vemos e o que nos chama atenção, pode ser uma atribuição de informação através dos registros. Lemos as imagens sem que haja necessariamente nela textos ou palavras, tudo é expressado por quadros e *pixels*, em que podemos ao olhar já identificarmos ou negociar os sentidos, a mensagem e o sentimento transmitido (Sontag, 1982).

As imagens têm um caráter definido, que mostram eventos e nos trazem as informações de forma clara e evidente dos momentos registrados, essa é a analogia

primordial ao retratar a realidade, em que podemos conferir e relembrar o fato que foi eternizado, ou seja, relembrar de um tempo que já foi vivido (Flusser, 1985).

Diante dessas premissas, é importante salientar o valor teórico que essa ferramenta pode contribuir para o ensino e o exercício em sala de aula, especificamente nas aulas de Geografia.

Portanto, ao pensar em uma ferramenta metodológica para o ensino, podemos utilizar a fotografia, que pode auxiliar nas reflexões e nos trabalhos desenvolvidos dentro dos trabalhos geográficos.

Com o desenvolvimento teórico, o professor da disciplina pode exemplificar aos alunos a aplicação do conteúdo em sala, transformando a atividade, de modo a possibilitar a fotografia como ferramenta norteadora para que os alunos desenvolvam seus conceitos e ampliem sua compreensão sobre os temas das aulas. Desta forma, o uso de fotografias também viabiliza o engajamento da turma, fixação dos conteúdos apreendidos ou capturado pelas lentes.

Nesse ponto, pensar em metodologias com o uso de um recurso didático, como o caso das fotografias, é para Kossoy (2001) possibilidades de investigação e descoberta, pois seria trabalho voltado a habilidades de observação, apreciação visual e representações de conceitos em imagens. Por essa razão seria importante desenvolver atividades inovadoras para o trabalho com metodologias que viabilizem a participação dos alunos, estimulando o raciocínio e a compreensão do conteúdo

Por definição, temos a fotografia como uma arte ou processo de fixar a imagem de qualquer objeto ou realidade, através de sensor digital ou superfície fotossensível com o auxílio da luz. Dos primórdios, referenciamos a palavra imagem advinda de uma etimologia antiga da seguinte maneira: "imagem deveria ser ligada à raiz de *imitari*" (Barthes, 1982, p. 27). Ou seja, de acordo com o latim, é a arte de imitar. Além disso, podemos dizer, em outras palavras, o ato de reproduzir ou informar um fato ou acontecimento, ou casualmente ao ato de apenas registrar.

Historicamente, o meio mais comum para usarmos e adquirirmos conhecimento, são os livros. Neles, por vezes, é possível identificar imagens que estão gravadas e impressas, para representar e explicar algum fenômeno ou informação. Por muito tempo os livros eram o meio mais utilizado e pesquisado. Segundo Sontag (1977) os livros foram um dos meios mais influentes para organizar as fotos, sendo uma forma de preservação da imortalidade da imagem.

As fotos que eram impressas até o final do século passado, se não fossem guardadas e preservadas de forma correta tinham seu tempo de validade contado. Era material fácil de estragar, em exposição a temperaturas altas e sendo mal utilizadas, se deterioravam com o tempo.

Perpetuar-se, assim, a veracidade dos livros, suas impressões de imagens e seus significados. Dessa forma, as fotografias quando preservadas, podem permanecer por décadas, tendo de alguma forma, seu valor e seu sentido como imagem nos livros didáticos para a realização de alguma atividade pedagógica.

As formas de utilização das fotografias podem variar, o método que é utilizado para expor uma imagem, deve ser bem determinado e aperfeiçoado pelo fotógrafo, o ângulo, a posição, a exposição, são fatores que contribuem para o processo de visualização e, conseqüentemente, a análise do tema que está em foco.

De acordo com Barthes (1982) a fotografia de modo geral, nos demonstra várias mensagens, sendo-as bem específicas quando estão em sua área de serviço. Na imprensa não é diferente, ao nos depararmos com uma imagem oriunda de uma emissora, observamos que teve todo um trabalho e uma equipe para que fosse concluído aquele processo e a fotografia fosse ao ar, desde os redatores, passando pelos editores, chegando aos cinegrafistas e transmitidos pelos jornalistas, essas informações fazem referência as fotografias de imprensa, de telejornais (Barthes, 1982, p. 11).

Além do mais, para dar ênfase ao conteúdo destacado dentro de uma fotografia, devemos tratar o processo como uma conotação, isto é, “a imposição de um segundo sentido à mensagem fotográfica propriamente dita, elabora-se nos diferentes níveis de produção da fotografia [...]” (Barthes, 1982, p. 16). De outro modo, a conotação passa por um processo de interpretação dos fatos que estão destacados na fotografia, baseia-se na visão que temos sobre o tema, para dar sentido e levar ao encontro do que a imagem quer nos passar e qual a sua finalidade enquanto instrumento de análise.

Os usos da fotografia como recurso didático-pedagógico têm possibilitado uma noção ótica geográfica a partir do conceito de lugar propostos por Tuan (1983), pois se constitui um espaço do entorno, subjetivo, que marcou a vida de alguém, uma casa, cidade, local apreciado.

Esse ponto marcante na ciência pode ser difundido com a explanação de imagens no ensino, com a captura de um referencial, destacando o objeto de estudo,

esse aspecto faz com que o aluno possa contribuir mais e participar mais das aulas, se interessando pelas fotografias que foram tiradas. Nessa visão, esse recurso didático pode ser importante, profícuo para que os alunos compreendam de forma efetiva o conteúdo e desperte o interesse dos alunos pelo saber científico.

Pelas ideias de Mussoi e Santos (2008), podemos perceber que

É necessário, porém, superar alguns paradigmas quanto ao uso da fotografia em sala de aula. Sua utilização como mera ilustração de textos em livros didáticos, juntamente com outros métodos tradicionais que dão ênfase à memorização e a repetição pura e simples do que é ensinado vem se arrastando no tempo e precisam dar lugar a novas metodologias com a utilização de diferentes linguagens, entre as quais a visual (Mussoi; Santos, 2008, p. 7).

Na realidade, a nossa proposta vai além da utilização da fotografia como mera ilustração, nos textos dos livros didáticos, mas a utilização das mesmas, de forma coerente, são metodologias que podem assumir um papel fundamental para provocar reflexões e estimular o pensamento crítico.

Adeptos da veracidade que a imagem pode ter em nosso cotidiano com os registros e demonstração de pontos que marcaram nossas trajetórias, com essas lembranças, pode-se destacar a apropriação da paisagem, o conceito geográfico que particulariza a explanação de lugar.

Levando em conta os dois aspectos, a fotografia e o ensino de Geografia, os alunos podem se familiarizar com o fato de fotografar e analisar o seu lugar. A partir disso, a observação pode trazer pontos marcantes, que não eram possíveis observá-los antes. Com essa visão mais crítica, por ter um conhecimento mais abrangente sobre a imagem, o aluno pode destacar quais fenômenos interagem com o tema na imagem. Esse desenvolvimento valoriza a fotografia como ferramenta para o ensino. A vivência experimental esboça essa natureza, que é compreendida e pode ser destacada no ensino de geografia.

Vários pontos são fundamentais para analisar e observar no primeiro contato com uma imagem, essa percepção remete ao tipo de tema que está sendo observado e representado. No comércio, por exemplo, é fato usar-se de cores mais vivas para chamar a atenção e destacar-se em meio a outros vários anúncios.

Esses pressupostos são tratados ao dar sentido à imagem, a isso Barthes (1982) aponta que são visíveis três mensagens em uma imagem que dão sentido ao objeto tratado: a mensagem linguística e verbal, a mensagem conotada (referente aos

símbolos) e a mensagem denotada (icônica, referente as representações sociais, culturais, políticas, dentre outros). Esse método de análise da imagem proposto pelo autor acima, ajuda na elaboração desse instrumento, que é a pesquisa dos conceitos geográficos através das imagens para que os alunos tenham uma efetivação maior na aprendizagem.

Ao visualizar uma imagem, a primeira percepção é sobre o conteúdo explícito e também sobre a linguagem que ela é colocada, destinatário que o método aplicado é o linguístico, definido os elementos, as cores, os símbolos podem ser tratados e levados a um consentimento, identificando a quem se dirige e qual o intuito (Barthes, 1982, p. 28). Por outro lado, as conotações empregadas em uma fotografia são decorrentes de sua leitura. Por se tratar de uma imagem passada em que esse instante foi registrado, a fotografia sempre terá uma leitura histórica. Para acertar os pontos e quais as suas principais fontes e quem ela se destina, essas informações são digeridas de acordo com o saber do indivíduo que está praticando a leitura dessas fontes em uma imagem. De acordo com o autor, quanto maior for o repertório cultural do leitor de imagens, maior será sua capacidade para ler essas imagens (Barthes, 1982, p. 32 – 42).

De fato, Costa (2013) destaca que a fotografia teve um processo de grande penetração social e também de disseminação e, para ela, a fotografia não tornou inútil a pintura ou o desenho, mas os libertou para novas relações com as pessoas e o mundo que não fosse a mera reprodução da aparência. Assim, a “fotografia, por sua vez, modificou a visualidade do mundo mostrando a importância do flagrante, do instante, do efêmero e do fugaz na percepção da realidade” (Costa, 2013, p.77-78).

Uma forma de interpretar uma imagem, sendo ela fotográfica por exemplo, pode ser à luz da teoria semiótica, em que, segundo Santaella (1983) é uma ciência que busca estudar e explicar os signos e seus significados/representações em cada imagem ou meio midiático. Alguns aspectos são importantes em uma análise semiótica, com base na semiose proposta por Charles Sander Pierre (1839-1914) como a tricotomia peirceana dos signos, na qual, passam por três categorias de interpretação: (a) primeiridade; referente aos aspectos visuais como elementos, cores, objetos, formas, texturas e signos presentes na imagem; (b) secundidade: relacionada às relações dos signos identificados na etapa anterior aos fatos, teorias ou acontecimentos que representam; e (c) terceiridade: interpretação e significados que

dão sentido a imagem, qual informação ela quer comunicar, quais símbolos ou metáforas estão presentes, qual contexto histórico, cultural ou social representam.

Em sala de aula, a fotografia pode ser uma ferramenta versátil se bem utilizada pelo professor. Não basta somente trazer uma imagem de algum conteúdo específico da disciplina e solicitar que os alunos observem os elementos presentes e depois expliquem sobre o que viram baseado no conhecimento da turma.

Pouco será produzido e introduzido, levando em conta que os alunos, em sua maioria, não contêm um repertório elevado para identificar cada elemento presente na imagem. Para isso, o professor deve ter alguns conceitos definidos para a sua aula, no caso dessa pesquisa, os conceitos de paisagem e lugar, para que a turma compreenda e consiga trazer alguma identidade vista com os pontos da imagem.

Perguntas-chaves são pontos primordiais para levar os alunos ao questionamento, como por exemplo: para que(m) esta imagem está direcionada? Como os fatos foram retratados? Quais as figuras predominantes observadas na imagem? Qual enquadramento? Quem se beneficia dela? O professor, com suas proposições, vai levar vários pressupostos e possibilidades de indagação quanto ao objeto analisado na fotografia. Com essas reflexões, a memorização por parte dos alunos ficará mais evidente e poderá ser compreendida através dos fatos apresentados com as fotografias.

Destacamos a importância da utilização da fotografia. Os alunos não conformados com a teoria apresentada, ou, com uma experiência local, podem contribuir trazendo fotos de seu local de vivência, que podem existir em suas residências ou bairros para a contribuição na sala de aula, ou melhor, no ensino de geografia. Recortes em revistas, jornais ou livros são importantes para a efetivação do conteúdo trabalhado, esses instrumentos contribuem e trazem uma ênfase maior no ensino como recurso alternativo. É importante ressaltar aspectos com relação ao uso da fotografia em sala de aula. O uso desse recurso didático deve ser feito com a devida cautela e cuidado por parte do professor no sentido de não estimular comportamentos que podem segregar ou discriminar os estudantes. Na verdade, ver as cidades ou a zona rural e suas paisagens e moradores deve ser alvo de contínuas reflexões críticas.

Levando em conta a vivência e a experiência dos alunos acerca do conteúdo que está sendo estudado, Leite acrescenta:

Passar por trás dos cenários para compreender as imagens visuais, é necessário um conhecimento prévio e direto da realidade que a imagem representa, simboliza ou indica para não se ficar desorientado com seus elementos constitutivos. A leitura da mensagem visual depende simultaneamente de uma concepção global e de uma análise de pormenores (Leite, 1983, p. 158).

Por fim, as fotografias podem fornecer grandes contribuições teóricas para o professor e os estudantes, se bem trabalhados podem contribuir para o ensinamento e desenvolve a criatividade dos alunos, a preocupação dos mesmos em procurar um local mais iluminado, mais ambientado, com mais cores, é visível, para que tenham um trabalho com mais detalhes ricos em informações. O professor dialogando com essas técnicas pode trazer uma imersão aos fatos e a história da forma que é tratada na imagem. Para tanto, a imagem é no ensino da geografia uma vertente para nortear os alunos para criarem e constituírem o conhecimento geográfico.

A seguir trataremos do nosso percurso metodológico desta pesquisa.

5. METODOLOGIA

Abordamos nessa seção o percurso metodológico adotado para a realização desta pesquisa, justificando alguns procedimentos, escolhas e dificuldades encontradas. Para expor os caminhos percorridos, definimos inicialmente a natureza da pesquisa e a abordagem teórica adotada. Apresentamos um cenário da pesquisa com o propósito de ambientar o leitor quanto ao que foi realizado e caracterizamos os participantes para apresentar os membros do estudo. Destacamos os instrumentos de coleta de dados e os registros que foram utilizados, finalizando com a forma com o qual os dados foram analisados.

5.1 Natureza da Pesquisa

Caracterizamos a pesquisa como de natureza qualitativa, o que favorece o detalhamento da investigação e das questões relacionadas ao fenômeno a ser estudado (Gil, 2007). Assim, é possível realizar um estudo aprofundado a partir do uso dessa ferramenta em sala de aula (Prodanov; Freitas, 2013), junto com os estudantes do Colégio Estadual, a fim de utilizar as fotografias como base para o ensino-aprendizagem dos conceitos geográficos de paisagem e lugar.

Esse estudo se ampara nos pressupostos da observação participante, pois, segundo Minayo (2002), se refere a uma observação de uma situação com o propósito de investigar cientificamente, podendo ser utilizada para ambientes educacionais, como por exemplo, em investigações sobre os processos de ensino e aprendizagem na educação básica, em que o pesquisador pode ser o próprio professor.

A abordagem metodológica da observação participante requer alguns olhares atentos quanto a alguns passos, como descritos por Marques (2016). Assim a pesquisa é proveniente de um processo longo; sujeito ou intermediário que faça a união entre o pesquisador e pesquisados, também identificados pelos representantes legais que permitiram e autorizaram a realização da pesquisa, inclui-se aqui a percepção de que o pesquisador deve olhar e analisar a situação como membro externo, mostrando-se diferente dos pesquisados; ter cautela pois o pesquisador também é observado. Também é necessário lembrar que suas ações influenciam os observados, saber quando ouvir, falar, questionar, silenciar, para que a pesquisa

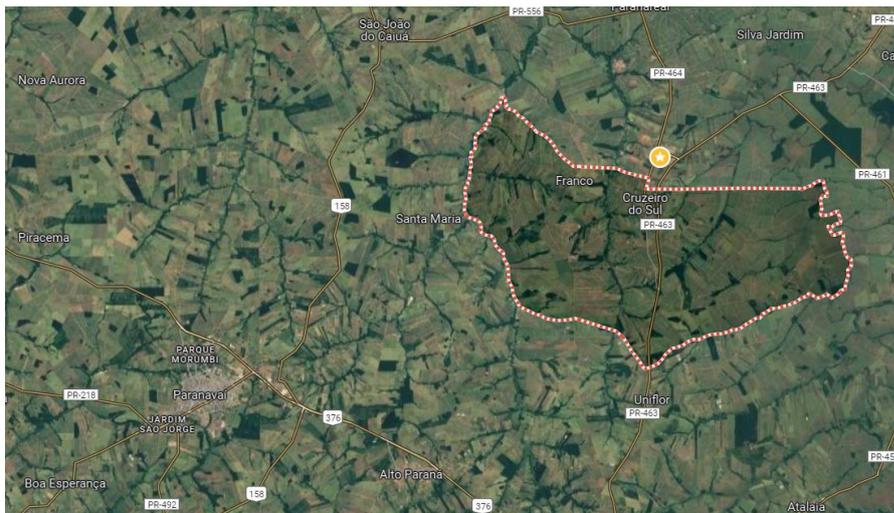
possa fluir. O pesquisador deve fazer uso de um diário de campo e planejar a pesquisa, contando com a colaboração dos orientadores e membros da banca.

5.2 Cenário e Participantes da Pesquisa

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em um Colégio Estadual Integral, da região noroeste do estado do Paraná, da cidade de Cruzeiro do Sul/ Paraná, a aproximadamente a 62,2 km da cidade de Paranavaí, a localização geográfica da instituição pode ser observada na Figura 1.

Figura 1. Localização geográfica do município do colégio de aplicação.





Fonte: <https://maps.app.goo.gl/wzSVUjoF1xKp9Rke9>. Acesso em: 13. Ago. 2024

Participaram estudantes de 12 e 13 anos de idade e que são integrantes do 7º ano do Ensino Fundamental II. Todos os dados foram anonimizados e os estudantes terão os rostos borrados, impedindo a identificação no caso de divulgação de imagens.

A instituição adotou o ensino integral no início do ano de 2023, sendo uma novidade para os estudantes e profissionais. O período de adaptação para docentes, membros da comunidade escolar e estudantes apresentou algumas dificuldades para a realização da pesquisa, pois era preciso estruturar a rotina dos alunos, estabelecer os momentos de estudos, alimentação, disciplinas eletivas, atividades de recreação, dinâmicas, socialização e culminâncias.

Além disso, eram realizados acompanhamentos com relação ao comportamento, andamento das disciplinas, frequência escolar e reuniões diárias junto a coordenadores de área para levantar os acertos e erros, modificar meios de trabalhos e elaborar planos de prática docente.

Além do mais, houve uma mudança no quadro de disciplinas, com a rotina integral foi necessário a implementação de novos componentes curriculares, na qual os professores e estudantes não tinham conhecimento prévio dessas disciplinas.

O ano de 2023 se tornou um desafio para toda a equipe, especialmente na área das Ciências Humanas, quando foi realizada a pesquisa desta dissertação. Com as determinações do governo estadual do Paraná, os alunos permaneceram integralmente na escola, fazendo três refeições, sendo duas delas importante na dieta

dos alunos: o café da manhã e o almoço. E outras como lanches em horários específicos conforme informação nutricional.

A relutância dos estudantes em se familiarizar com a rotina escolar também foi ponto de fragilidade. Muitos familiares não concordaram em manter seus filhos no colégio por estarem em idade para trabalhar, alegando que a permanência integral na escola atrapalharia o desenvolvimento profissional do aluno, demonstrando a instabilidade dessa proposta de ensino no estado do Paraná.

Dentre algumas dificuldades, com a familiaridade da rotina e método de trabalho, foi possível realizar os procedimentos determinados para a etapa empírica da pesquisa, no componente curricular eletivo intitulado “Espaço Paraná” cujos parâmetros são similares aos exigidos para o ensino da ciência geográfica.

5.3 Caracterização da Coleta e Análise dos Dados

A fase de constituição dos dados pode ser detalhada em algumas etapas, sendo: (a) fase de pesquisas e levantamento bibliográfico para a organização do suporte teórico da pesquisa, baseada na busca por alguns materiais e autores que versam sobre as definições dos conceitos de paisagem e lugar; abordagens referentes ao ensino de Geografia e ao uso de fotografias como recurso didático-pedagógico; (b) fase da coleta de dados, com questionamentos prévios em sala de aula com os estudantes participantes, na qual, foram organizadas momentos de reflexões teóricas, visitas de campo a lugares históricos, debates com uma visão geográfica sobre os locais visitados e análises de imagens seguindo as conceituações geográficas de interesse. Assim, utilizamos como instrumento de coleta de dados o questionário com questões abertas e um roteiro de aula determinado pela sequência didática. Para o registro desses dados, anotações do pesquisador, visitas de campo e diário de campo.

Quanto aos procedimentos de análise dos dados, não nos especificamos em uma metodologia ou técnica específica para analisar os questionários, mas sim em identificar possíveis relações com as definições de paisagem e lugar, segundo a fundamentação teórica da pesquisa e as possibilidades de serem agrupadas em categorias conforme similaridades, sendo conceitos *a priori* (conhecimento comum e prévio) e conceitos *a posteriori* (concepções ressignificadas após os estudos realizados com a sequência didática).

Com relação a análise das fotografias, utilizamos a técnica de observação da semiótica fotográfica. De acordo com Barthes (1980), a semiótica é a observação cultural e social que a fotografia carrega; é o elemento pessoal e emotivo que a imagem traz aos espectadores. Essa observação vai além das representações do real, nos mostram significados complexo. Essas complexidades são chamadas de signos e seus significados quanto aos conceitos geográficos.

Além de identificar a percepção dos estudantes sobre o uso da fotografia enquanto registro histórico e as possíveis definições de paisagem e lugar que podem ser identificadas em seus discursos.

5.4 Descrição da Sequência Didática

Para a elaboração da sequência didática foram realizadas algumas práticas divididas em momentos. O primeiro, teve o propósito de registrar os conhecimentos prévios dos alunos e, o segundo, no decorrer da aplicação da sequência didática teve como objetivo a exposição das fotografias e explanações das conceituações de paisagem e lugar, junto às ações antrópicas.

Para facilitar o leitor dos procedimentos adotados para cada momento da sequência didática, demonstramos no Quadro 2 uma descrição referente a cada etapa.

Quadro 2. Descrição das etapas da sequência didática.

Etapa	Ação	Descrição
1	Questionário de levantamento de concepções prévias	Promoção de reflexão a partir dos seguintes questionamentos: a) O que é paisagem na sua concepção? b) Comente quais locais históricos existem em nossa cidade (Cruzeiro do Sul –PR). c) Quais são os lugares mais antigos na cidade que você conhece? d) Quais são as principais características encontradas ao analisarmos um lugar? e) Algum lugar mudou próximo a sua casa ao passar das décadas? f) Comente sobre as características que mudaram e como que era o lugar.
2	Visita de campo	Estudos práticos das concepções de paisagem e lugar. Visita de campo a locais históricos da cidade ressaltando pontos de mudanças na paisagem e no lugar ao longo do tempo.

3	Análise de fotografias	<p>Observação de fotografias locais destacando significados que representam a paisagem e o lugar. Foi elaborada uma ficha de análise, de minha autoria e com minha percepção, fotográfica a partir desses conceitos geográficos para facilitar a identificação dos signos de interesse nas imagens, como mostra a seguir.</p> <p>Ficha de análise semiótica conforme conceitos geográficos em fotografias.</p> <table border="1" data-bbox="616 456 1431 1339"> <tr> <td data-bbox="616 456 815 636">Momento 1</td> <td data-bbox="815 456 1158 636">Identificação de signos (elementos visuais presentes na imagem como cores, objetos, formas, texturas).</td> <td data-bbox="1158 456 1431 636"></td> </tr> <tr> <td data-bbox="616 636 815 815">Momento 2</td> <td data-bbox="815 636 1158 815">Denotação (descrição literal do que está na imagem seja um fenômeno ou situação sem interpretação)</td> <td data-bbox="1158 636 1431 815"></td> </tr> <tr> <td data-bbox="616 815 815 994">Momento 3</td> <td data-bbox="815 815 1158 994">Conotação (Interpretação do significado dos signos aos elementos de interesse: conceitos de paisagem e lugar)</td> <td data-bbox="1158 815 1431 994"></td> </tr> <tr> <td data-bbox="616 994 815 1339">Momento 4</td> <td data-bbox="815 994 1158 1339">Contextualização (interpretação dos significados que dão sentido a imagem, qual informação ela quer comunicar, quais símbolos ou metáforas estão presentes qual o contexto histórico, social, cultural da imagem)</td> <td data-bbox="1158 994 1431 1339"></td> </tr> </table> <p>Fonte: Elaborado pelo autor após leitura de Barthes (2006).</p>	Momento 1	Identificação de signos (elementos visuais presentes na imagem como cores, objetos, formas, texturas).		Momento 2	Denotação (descrição literal do que está na imagem seja um fenômeno ou situação sem interpretação)		Momento 3	Conotação (Interpretação do significado dos signos aos elementos de interesse: conceitos de paisagem e lugar)		Momento 4	Contextualização (interpretação dos significados que dão sentido a imagem, qual informação ela quer comunicar, quais símbolos ou metáforas estão presentes qual o contexto histórico, social, cultural da imagem)	
Momento 1	Identificação de signos (elementos visuais presentes na imagem como cores, objetos, formas, texturas).													
Momento 2	Denotação (descrição literal do que está na imagem seja um fenômeno ou situação sem interpretação)													
Momento 3	Conotação (Interpretação do significado dos signos aos elementos de interesse: conceitos de paisagem e lugar)													
Momento 4	Contextualização (interpretação dos significados que dão sentido a imagem, qual informação ela quer comunicar, quais símbolos ou metáforas estão presentes qual o contexto histórico, social, cultural da imagem)													
4	Questionário de levantamento de concepções geográficas	<p>Promoção de reflexão a partir dos seguintes questionamentos:</p> <p>Questões referentes ao conceito de paisagem. Descreva uma paisagem do seu cotidiano. Por que considera ela como paisagem? Quais elementos levou em consideração?</p> <p>Questões referentes ao conceito de lugar. Qual o lugar mais próximo do seu cotidiano? O que você define como lugar? Por que considerou esse espaço como lugar?</p> <p>Fonte: Elaborado pelo autor (2024).</p>												

Apresentamos no quadro acima as ações realizadas e os seus objetivos para as atividades de ensino dos conceitos. Na etapa 1 definida como Questionário de levantamento de concepções prévias, os alunos foram convidados a responder um questionário contendo termos referentes à ciência geográfica e elementos de seu

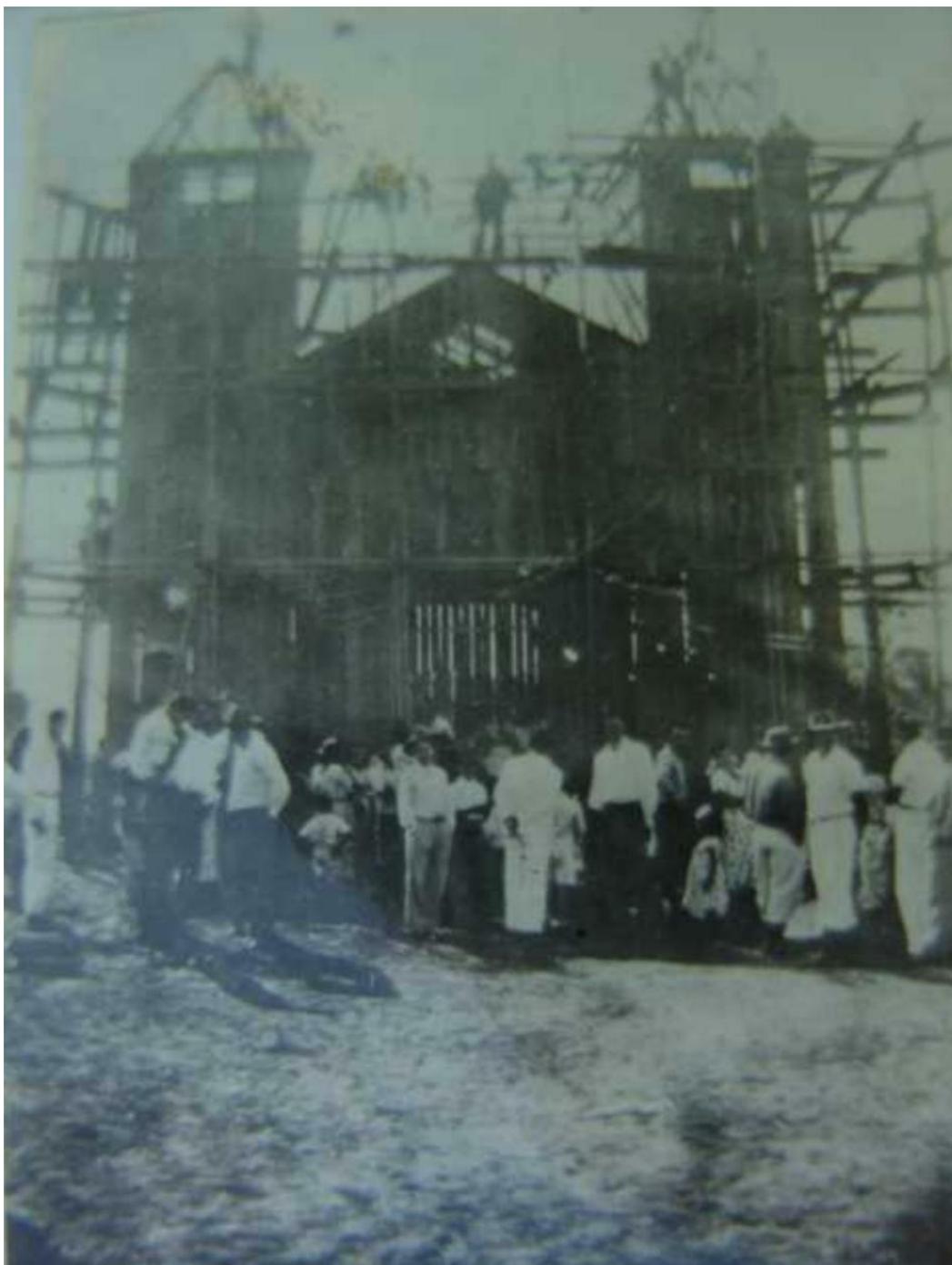
cotidiano. A etapa 2 denominada Visita de campo foi realizada com apresentação de imagens, notícias e visitas em locais históricos do município, em específico, uma igreja no espaço urbano e uma da área rural, destacando as informações sobre o município, onde os alunos residem. Dessa forma, entraram em pauta questões históricas da região, que mudaram a paisagem do lugar e os principais fatores que levaram a essas transformações, sejam elas econômicas ou culturais.

Em um contexto geral, os alunos também observaram fotografias de áreas e pontos conhecidos do município. Com isso, desenvolveram uma breve análise sobre quais aspectos na visão geral mudaram e que ainda permanecem no local destacado. Também propomos um trabalho de reflexão e discussão sobre as mudanças no campo, expondo as características do antes e o depois nas lavouras e na paisagem natural.

Os alunos destacaram suas percepções sobre as mudanças ocorridas no meio ambiente pela ação do homem, essa percepção se deve após os trabalhos em sala sobre ações antrópicas na região noroeste do estado, em destaque para o município de Cruzeiro do Sul, com as atividades de extração e plantio dos lugares.

A etapa 3 denominada Análise de fotografias foi determinada para a observação e reflexão de fotografias locais do município ressaltando aspectos antrópicos e dos conceitos de paisagem e lugar. Apresentamos na Figura 2 algumas das fotografias apresentadas aos alunos.

Figura 2. Imagem da construção da Igreja Católica na praça (data não informada).



Fonte: Extraídos do acervo da prefeitura municipal de Cruzeiro do Sul. Disponível em: <https://www.cruzeirosul.pr.gov.br/> . Acesso em: 13 ago. 2024.

Figura 3. Imagem do prédio antigo da Igreja Católica já construído.



Fonte: Extraídos do acervo da prefeitura municipal de Cruzeiro do Sul. Disponível em: <https://www.cruzeirosul.pr.gov.br/>. Acesso em: 13 ago. 2024.

Figura 4. Imagem do prédio da Igreja Católica na década de 1990 após a reforma e modernização da construção.



Fonte: Extraídos do acervo da prefeitura municipal de Cruzeiro do Sul. Disponível em: <https://www.cruzeirosul.pr.gov.br/>. Acesso em: 13 ago. 2024.

Figura 5. Imagem da praça da Igreja Católica em meados de 2010.



Fonte: Extraídos do acervo da prefeitura municipal de Cruzeiro do Sul. Disponível em: <https://www.cruzeirosul.pr.gov.br/> . Acesso em: 13 ago. 2024.

Figura 6. Imagem da praça da Igreja no ano de 2022.



Fonte: Extraídos do acervo da prefeitura municipal de Cruzeiro do Sul. Disponível em: <https://www.cruzeirosul.pr.gov.br/> . Acesso em: 13 ago. 2024.

Figura 7. Imagem aérea da praça da Igreja ano de 2022.



Fonte: Extraídos do acervo da prefeitura municipal de Cruzeiro do Sul. Disponível em: <https://www.cruzeirosul.pr.gov.br/> . Acesso em: 13 ago. 2024.

Figura 8. Imagem da praça central do município, final da década de 1980.



Fonte: Extraídos do acervo da prefeitura municipal de Cruzeiro do Sul. Disponível em: <https://www.cruzeirosul.pr.gov.br/> . Acesso em: 13 ago. 2024.

Figura 9. Imagem da praça central de Cruzeiro do Sul, final da década de 1980.



Fonte: Extraídos do acervo da prefeitura municipal de Cruzeiro do Sul. Disponível em: <https://www.cruzeirosul.pr.gov.br/> . Acesso em: 13 ago. 2024.

Figura 10. Imagem da praça central do município, entre 2005 e 2010.



Fonte: Extraídos do acervo da prefeitura municipal de Cruzeiro do Sul. Disponível em: <https://www.cruzeirosul.pr.gov.br/>. Acesso em: 13 ago. 2024.

Figura 11. Imagem da praça da Igreja no ano de 2015 para observação.



Fonte: Extraídos do acervo da prefeitura municipal de Cruzeiro do Sul. Disponível em: <https://www.cruzeirosul.pr.gov.br/>. Acesso em: 13 ago. 2024.

Destacamos que as fotografias antigas foram encontradas no acervo digital da prefeitura do município com a qual a referida pesquisa foi aplicada. Já as fotografias atuais foram registradas pelo autor do estudo. Além disto, selecionamos apenas duas fotografias (uma antiga e uma atual) para a resolução da Ficha de análise semiótica conforme conceitos geográficos em fotografias.

Por fim, na etapa 4, realizamos um questionário final com o propósito de levantar as concepções geográficas que foram identificadas pelos alunos e verbalizadas conforme suas próprias interpretações, identificando as ideias de alguns teóricos em seus discursos.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Abordamos nesta seção os resultados da pesquisa, nos quais foram divididos em quatro etapas, desta forma, para facilitar a discussão dos dados, delimitados cada etapa separadamente.

6.1 Etapa 1 - Questionário de Levantamento de Concepções Prévias

A realização da aplicação do questionário ocorreu no ano letivo de 2024, com os estudantes que fizeram parte das visitas de campo. Com o propósito de levantar as concepções prévias dos mesmos sobre o conceito de paisagem, apresentamos na Quadro 3 as considerações expostas pelos alunos. Destacamos que os estudantes serão tratados como E1, E2, E3 e assim sucessivamente.

É importante mencionar que nessa etapa foi preciso mediação do professor e pesquisador para explicar o que se trata esses termos, os alunos estavam tendo dificuldades em produzir uma resposta para o questionamento.

Quadro 3. Definições de paisagem pelos estudantes.

Estudante	Questionamento: O que é paisagem na sua concepção?
E1	Cidade: eu vejo casas, comércios, escolas, árvores, pessoas, postos de gasolinas, carros. Sítio/ Vila Rural: árvores, grama, animais como vaca, galinha, casas, flores, terra, rios, lagos, pessoas.
E2	Casa, campo, árvore, flores, sol, lua, nuvens e as coisas.
E3	O que você vê nas suas vistas.
E4	Aqui na escola eu vejo árvores, pássaros, gramas, eu também vejo flores e várias coisas.
E5	É um lugar lindo que você pode observar.
E6	Na cidade eu vejo casas, carros, motos, comércios, parques. No sítio eu vejo árvores, terras, mato, gramas, vacas, galinhas, flores, rios, lagos.
E7	Um lugar lindo que você possa ver.
E8	É tudo o que você vê com seus olhos, praticamente tudo é paisagem. Todo lugar que você olha é uma paisagem. Quanto na cidade tanto no campo.
E9	Cidade: tem casas, árvores e no campo árvores, cavalo, animais.

Fonte: Dados da Pesquisa (2024).

Na concepção geral dos alunos observa-se uma análise focada em coisas materiais, nos elementos da paisagem, ou seja, o fato de descrever o espaço,

mostrando seus ambientes, trás a tona a visão que os alunos possuem de paisagem, mesmo que de forma breve.

Destacamos o E3, E5, E7 e E8 com uma percepção diferenciada ao se referir sobre paisagem, trazendo uma análise geral, sem referenciar o que há no ambiente.

Fica claro que apenas os E5, E7, E9 responderam sobre o conceito de paisagem, embora o E5 use a expressão “lugar lindo”, como se o feio não pudesse representar uma paisagem.

Em outra visão, o E9 difere sua forma de responder sobre paisagem, do seu modo mostra que a paisagem tem ligação com o que os olhos abarcam.

Desta forma, situamos que os E1, E2, E6 e E9 não apresentam uma definição do que é paisagem, apenas descrevem alguns componentes visíveis do espaço. Estes alunos generalizaram o que é paisagem, alguns citaram o ser humano e alguns animais, que não fazem parte da paisagem diretamente.

Previamente, alguns alunos demonstraram saber, o que é uma paisagem, pelo menos 5 alunos fizeram referência ao que viram, e 2 deles demonstram uma aproximação do real conceito de paisagem, embora não façam referência a nenhuma ao que foge ao volume. Deste modo, entra o ensino de Geografia, percebemos o quanto é importante trazer à tona os saberes pertencentes aos alunos, e que a partir dos mesmos a interferência do professor trará elementos fundamentais para o verdadeiro processo de ensino e aprendizagem.

Com algumas definições estabelecidas pelos alunos sobre paisagem, em outro momento, alguns alunos assimilam o conceito geográfico paisagem com a ideia de lugar, como já explicado nesse trabalho, tem diferenças em suas concepções. Essas diferenças são nítidas, observa que, o E4 mesclou as características de uma visão geográfica abstrata com formas encontradas em uma paisagem, podendo trazer a ideia de pertencimento a um lugar, caracterizando os elementos que ele observa na escola.

O geógrafo Tuan (1974) pontua sobre a visão geográfica ser aplicada para as coisas concretas, percebidas, que tem relação ao lugar que você vive, criando laços e lembranças com essa localidade. Entretanto, não é possível determinar se o estudante demonstrou um elo afetivo em sua fala, pois para se referir a um conceito de lugar precisaria também expressar apreço e gostar daquele espaço, ter um contato amplo com o mesmo.

A assimilação das coisas materiais, aquelas que fazem relação com a realidade dos alunos e seu cotidiano, é explicado por Tuan (1974) que é o conceito de lugar. Mas há uma mistura entre paisagem e entre lugar por parte dos estudantes.

Podemos perceber que os estudantes, em sua maioria, não conseguem definir o que é o conceito de paisagem, muitos apenas destacam esse conceito com elementos, objetos, formas, árvores, construções, caracterizando a moradia e os integrantes que nela residem como os animais e as pessoas

Os alunos foram questionados com relação às suas percepções dos locais históricos do município, o Quadro 4 apresenta tais constatações.

Quadro 4. Percepções de locais históricos do município para conceituação de Lugar.

Estudante	Questionário: Comente quais os locais do município que encontramos alguns exemplos de lugar, de acordo com os estudos em sala de aula.
E1	Hospital, escolas, mercados, parque ecológico, bar, posto de gasolina.
E2	Escola, supermercado, posto de gasolina, hospital, buracão e campão.
E3	A Igreja.
E4	A praça, o buracão e o supermercado.
E5	Igreja Católica.
E6	Hospital, escolas, mercados, parque ecológico, bar, posto de gasolina.
E7	Escola, mercado, praça, ginásio de esporte.
E8	O parque ecológico, a pracinha do centro, a Igreja, a praça da Igreja, o campo de futebol, a quadra (ginásio esportes) escolas estaduais e municipal, etc.
E9	Posto de gasolina, escola, hospital.

Fonte: Dados da Pesquisa (2024).

Para que os estudantes conseguissem formular suas respostas foi preciso expor algumas características que definem um local, sendo: um local público, conhecido e frequentado pela população do município, que tenha se desenvolvido com o passar do tempo e que seja lembrado pelos alunos ou seus familiares.

Desta forma, observando as respostas dos estudantes, identificamos componentes anteriormente abordado através dos princípios de pertencimento, essa afirmação encontramos nas respostas do E2 e E4, que citam o termo “buracão”, que faz alusão a uma condição geomorfológica que ocorre no solo, conhecida como voçoroca, sendo provocada pelas águas da chuva, vindo a expor o lençol freático. Esse local se encontra na entrada do município e posteriormente foram implantados projetos ambientais de reforma, fazendo o manejo de árvores nativas e a construção

de uma pista de caminhada ao redor desse buracão, onde hoje é conhecido como Parque Ecológico.

Os E1, E6 e E8 também se referem ao mesmo local acima citado, com isso também se destaca a ideia de pertencimento em um contexto histórico. Evidenciamos que as considerações do E1 e do E6 são equivalentes, uma vez que nos deparamos com estudantes que fazem cópias de respostas de seus colegas de classe, mesmo com a orientação de que seria importante emitir suas próprias respostas. Infelizmente não foi possível impedir que certos alunos realizassem tal prática.

Tendo reconhecido as concepções dos alunos com relação a identificação de lugares históricos para a conceituação de lugar, apresentamos no Quadro 5 as percepções dos estudantes quanto ao seguinte questionamento: Algum lugar mudou próximo a sua casa ao passar dos anos? Comente sobre as características que mudaram e como era o espaço.

Portanto, o Quadro 4 foi utilizado para identificar as percepções dos alunos quanto aos lugares mais conhecidos do município de estudo, a questão foi levantada para que os alunos trouxessem lugares conhecidos, introduzidos como locais históricos, isso se deve ao fato de conciliar as respostas dos alunos com as informações sobre o conceito de lugar. Por se tratar de um município pequeno, as respostas dos estudantes basearam-se em locais públicos, como: mercados, bares, igrejas, escolas, hospitais e etc. Conforme analisamos no Quadro 4.

Quadro 5. Percepções dos locais de pertencimento.

Estudante	Questionário: Algum espaço mudou próximo a sua casa com o passar dos anos? Comente sobre as características que mudaram e como era o espaço.
E1	Minha casa mudou a árvore e no fundo porque meu pai fez uma edícula.
E2	Parquinho de criança.
E3	Muita cadeira e criança.
E4	Mudou tem duas coisas que não tinha, tem um vizinho novo e é isso.
E5	A casa do meu vizinho, ele pintou e reformou.
E6	A praça da Igreja, terceira idade, parque ecológico, parquinho.
E7	Moro na vila rural e já faz 20 anos que é estrada de chão e agora vão colocar asfalto.
E8	Parque: reformaram a ponte, fizeram campo de vôlei e futebol. Escola: pintou e mudou as duas de lugar. Igreja: pintou, construiu centro de catequese e estacionamento.
E9	A praça da Igreja mudou e a escola.

Fonte: Dados da Pesquisa (2024).

Observa-se que o E1 destacou sua casa e um serviço que seu pai realizou, ao analisarmos a proposta inicial do questionário é notável que o estudante deveria identificar um local próximo a sua residência, que mudou com o passar do tempo ou que seja no bairro. Contudo, observamos que o estudante destacou primeiramente sua residência, como forma principal de afeto e pertencimento. Nesse caso, o que mais lhe chamou a atenção em sua concepção foi a reforma da casa, que contou com a retirada de uma árvore para a construção de um parquinho e uma edícula. Isso nos mostra que o estudante define sua casa como o lugar que mais sofreu mudanças, sendo essa uma ação antrópica, que seu pai realizou com as mudanças e reformas.

Em seguida, podemos observar que o E2 citou apenas “parquinho de criança”, nos remetendo a um local que pertence a praça da Igreja Católica, que passou por reformas com a instalação de um parquinho com brinquedos destinados ao lazer das crianças. Nesse caso, foi o principal ponto observado pelo estudante, assim, pontuamos que ele usufrui ou é um bom observador deste espaço de lazer, que antes não existia ali, sendo uma instalação voltada para uso exclusivo de crianças.

Em outra análise, observamos que o E3 se referiu a escola próxima a sua casa, o prédio do colégio na visão do estudante, sofreu alterações nas cadeiras em sala de aula e o fluxo anual de alunos que passam pelo prédio da instituição, mostrou que o lugar que mais lhe chamou a atenção sofreu alterações internas de objetos e de quadro de pessoal com as mudanças anuais de turmas. Ou seja, as mudanças foram dos objetos e não há mudanças diretamente no espaço.

O E4 demonstrou em sua resposta que próximo a sua casa houve uma mudança de vizinho, sendo uma novidade para o estudante, trazendo a visão de que o antigo morador estava ali a bastante tempo próximo a família e a sua residência, sendo uma pessoa conhecida que pertencia àquele lugar e que poderia ter um significado de afetividade com o estudante. Observa que não há uma respostas direcionada ao conceito de lugar, o estudante apenas destacou a mudança de pessoas.

Já o E5, ao falar sobre o lugar, acabou destacando a mudança ocorrida na casa de seu vizinho, com pinturas e reformas, mostrando que essa ação chamou a atenção do estudante e alterou a vista do lugar destacado, aguçando o sentido da visão com as cores e as modificações realizadas no lugar.

A resposta desenvolvida pelo E6 faz menção ao complexo da praça da Igreja, partindo da área destinada à terceira idade que conta com aparelhos de exercícios e

lazer, que foram incluídas no local, fazendo com que o lugar mudasse na percepção do estudante com essa nova instalação.

O aluno também pontua sobre o Parque Ecológico que se encontra na entrada principal da cidade, o mesmo se aplica ao E8. Isso quer dizer que o lugar é muito frequentado pelo estudante, que percebeu ao longo dos anos as mudanças e transformações que o ambiente sofreu, seja no reflorestamento que aconteceu no lugar e às instalações de quadras de esportes no parque. Por fim, o estudante também cita o parquinho da praça da Igreja Católica, que se tornou uma novidade no lugar, sendo um ponto de lazer, que na visão do estudante é algo novo caracterizando como um lugar que sofreu alterações ao passar dos anos.

As colocações do E8 estão relacionadas às mudanças que ocorreram próximo ao colégio em que estudava, onde houve uma troca de prédio entre o colégio estadual e a escola municipal. Foi uma alteração na localidade na visão do estudante, ideia exposta também nas respostas desenvolvidas pelo E9. Além disso, o E8 também citou as alterações ocorridas com as pinturas realizadas no colégio que deram um novo significado aos olhos do estudante sobre o prédio em que estuda. No final de suas respostas destaca: a reforma na pintura na Igreja Católica.

Analisando as colocações do E7, ele destaca um aglomerado de casas que formam um bairro afastado da cidade, são áreas de chácaras construídas pelo governo do estado do Paraná designadas como Vila Rural, no local conta com estradas de acesso e circulação feitas com cascalhos e estradas de terra batida. O estudante pontua que desde seu nascimento mora no local, sendo uma fala reproduzida, com origem em seus pais que moram no local desde o surgimento da vila, mas que na visão do estudante trata-se de algo novo. Local em que está em andamento obras de pavimentação integral das estradas que dão acesso e que ligam as residências dentro das vilas rurais, mostrando ser uma localidade perceptível pelo estudante com uma alteração da paisagem local e que sofreu mudanças em suas características.

Notamos que as concepções prévias dos estudantes apresentam mistura de conceitos entre paisagem e lugar. Entretanto, existem termos que podem ser considerados na definição dos mesmos, necessitando ter a interpretação e auxílio docente para que o estudante seja capaz de compreender a diferença existente entre essas definições geográficas.

Por fim, analisando as respostas dos alunos, conclui-se que o espaço está em constante transformação, em que os alunos citam as alterações das casas, do parquinho, das pinturas, praças, escolas, no asfalto que foi construído, pontes e etc.

6.2 Etapa 2 - Visita de Campo, esta seção serviu especialmente para ligar a teoria à prática, quando destaca os elementos de uma paisagem, e os contextos que definem um lugar dentro da Geográfica humanística.

Após a aplicação do questionário em sala para que os alunos respondessem sobre o que eles consideravam lugares históricos, como forma de contextualização dos conceitos trabalhados, realizamos uma visita de campo para que os alunos vivenciassem os espaços e pretendíamos que compreendessem os elementos de uma paisagem.

A visita de campo aconteceu em dois lugares históricos do município, foi necessário realizar os trâmites para o fornecimento do transporte a autorização dos responsáveis dos alunos para concretizar a saída de campo.

Após realizarmos estudos teóricos em sala de aula com as conceituações específicas de paisagem e lugar, os alunos inicialmente participaram de uma visita ao bosque do município, para observar e exemplificar os conceitos de paisagem e lugar. Apresentamos um registro dessa ação na Figura 12.

Figura 12. Estudos teóricos e práticos no Bosque (local de missas e terços) em frente ao Colégio, Cruzeiro do Sul - PR.



Fonte: Dados da Pesquisa.

A primeira visita os alunos foram questionados a analisar sobre paisagem, levando em consideração os estudos teóricos realizados em sala e de acordo com os questionários aplicados. Na Figura 12 os alunos estão em um bosque localizado no município de Cruzeiro do Sul, que fica em frente ao Colégio que eles estudam. O bosque de estudo é um local público, que contém alguns bancos e arborização. É frequentemente utilizado para a realização de missas e terços. Em dias letivos é utilizado pelos estudantes para descanso e para aguardar o transporte escolar.

Os alunos desenvolveram análises sobre os conceitos geográficos pautados na localidade. Levantaram informações a respeito da utilização do bosque para fins religiosos e sua importância no cotidiano dos estudantes. A análise desenvolvida foi baseada na Geografia Humanística, que foi explicado no decorrer dessa pesquisa.

Figura 13: Local de realização das missas e terços, localizado no centro do Bosque de estudo. Sendo utilizado pelos alunos e pelo professor.



Fonte: Dados da pesquisa.

Os alunos foram convidados a observar e refletir sobre o local, relatando suas características e modificações ao longo do tempo, a sua importância e usos pela comunidade local para cultos religiosos.

Apresentamos na Figura 14 o momento de estudos e pesquisas com relação ao tema, na qual visitamos a Praça da Igreja Católica no município de Cruzeiro do Sul - PR, sendo possível visualizar as modificações ocorridas no local, que influenciaram na paisagem.

As modificações desses locais foram observadas na etapa de análise de fotografias, realizada em sala de aula. Nesse momento, os alunos somente observaram o local atual com relatos de suas modificações, conforme mostra a Figura 13.

Figura 14. Visitação a praça da Igreja Católica no município de Cruzeiro do Sul – PR.



Fonte: Dados da pesquisa.

Observando a imagem da Figura 14, os alunos foram à campo para conhecer e analisar na prática as modificações que eles apontaram durante os questionamentos prévios em sala de aula, os alunos visitaram a praça da Igreja no município de Cruzeiro do Sul, assimilaram as características do lugar e como é a distribuição do espaço neste ambiente. Comentaram sobre a importância dessa praça para a população e como a comunidade utiliza esse espaço.

Os alunos fizeram anotações e questionamento acerca das mudanças do local, os principais pontos observados pelos alunos foram as reformas que ocorreram na praça da Igreja e seu interior (Igreja Matriz).

Em outro momento, os alunos realizaram uma visita de campo a um a Igreja na área rural do município de estudo, conforme a Figura 15, essa comunidade caracteriza-se como um bairro na zona rural, que durante as décadas de 1960 a 1980 abrigavam diversas famílias do município de Cruzeiro do Sul, em um período de grande

produção agrícola, mas que hoje está quase vazia, por conta do êxodo rural que ocorreu na comunidade, devido ao seu valor histórico para os moradores e por conta da sua importância geográfica utilizamos esta comunidade como fonte de pesquisa para que os alunos aplicassem na prática os conceitos já antes abordados em sala.

Durante a visita à comunidade local, os alunos fizeram perguntas a um morador que porventura passava pelo local. Na ocasião, ele relatou como era a vida na comunidade, com as festas locais, as missas, os encontros e a colheita de café, milho e algodão. Esse momento de diálogo entre alunos e um membro dessa comunidade foi registrado por meio de fotografia, sendo apresentada na Figura 15.

Na ocasião, os alunos observaram as explicações e analisaram a praça que ainda permanece na comunidade que tem o salão de festas e a Igreja rural, que é vista ao fundo da Figura 15.

Figura 15. Visitação à comunidade rural do município de Cruzeiro do Sul (Praça da Igreja).



Fonte: Dados da pesquisa,

Os alunos foram orientados a refletir quanto às mudanças na estrutura e arquitetura das igrejas visitadas (Ver Figuras 14 e 15), na qual, uma representa um centro urbano e outra representa um espaço rural, com características típicas e representativas de cada paisagem.

Para a realização da atividade de campo os estudantes foram instruídos a observar os conceitos de paisagem e lugar nas igrejas, realizamos uma abordagem

contextualizada e detalhada levando em consideração os aspectos físicos e visuais do lugar (paisagem) e os seus significados culturais e sociais (lugar).

Para estimular os alunos a perceber os aspectos que definem a paisagem consideramos alguns pontos de observação como por exemplo, o estilo arquitetônico e o design da igreja, seu interior (Figura 16), seus elementos estruturais como a presença de torres, vitrais e portas e os materiais utilizados para sua construção como pedras, cimento, lajotas, madeira e vidro.

Figura 16: interior da Igreja na comunidade de visita (Cruzeiro do Sul – PR)



Fonte: Dados da pesquisa.

Além disso, abordamos a localização dessa igreja, uma situada em um espaço rural e outra em uma área urbana. Elencamos o ambiente externo dessas igrejas, observando o jardim e o paisagismo, se há estátuas, flores, árvores ou elementos ao redor da igreja. Destacamos as vias de acesso e caminhos que estão dispostos em relação às igrejas e mencionamos a sua decoração interna observando altares, bancos, pinturas, esculturas, elementos decorativos, iluminação natural e artificial e a disposição do espaço interno ao visualizá-lo.

Desta forma, os alunos foram estimulados ao entendimento do conceito de paisagem através da observação. Destacando os elementos físicos e sensíveis.

Para incentivar a percepção dos alunos sobre os aspectos que definem o lugar, consideramos alguns pontos de observação que remetem aos significados pessoais, culturais e sociais atribuídos a esses espaços.

Por se tratar de uma igreja, destacamos algumas características como, por exemplo, o significado religioso desse lugar, tendo uma função religiosa de realização de culto, oração ou celebração e contendo símbolos religiosos como ícones, cruzes, santos, dentre outros. Ainda, foi importante ressaltar a história e a memória do lugar. Apresentamos questionamentos sobre como foi a fundação desse lugar, quais foram os seus eventos significativos e as mudanças que ocorreram ao longo do tempo.

Foi possível destacar a memória afetiva do morador que passava pela igreja, sendo ponto de menção às lembranças que possui daquele lugar e a suas relações com a comunidade, sendo lugar de realização de atividades comunitárias e eventos. Destacamos que esse lugar pode ser uma representação da identidade cultural da comunidade local.

Ficou evidente a importância de apresentar o local para os alunos, como potencial de aprendizagem, acompanhado de uma visão geográfica, dada pelo professor da turma, a nosso ver, o estudo promoveu a interrelação teoria e prática.

6.3 Etapa 3 - Análise de Fotografias

Para o momento de observação de fotografias antigas e atuais de alguns pontos conhecidos da cidade, os alunos foram convidados a refletir quanto às modificações que ocorreram na paisagem ao longo do tempo.

Para as análises das semióticas das fotografias, foi selecionado duas imagens, a primeira, da praça da Igreja Católica (Quadro 5), onde foram apontadas as análises através de momentos. Essa ficha foi preenchida a partir da minha percepção sobre os aspectos encontrados com as aplicações dos conceitos apresentados nesse trabalho.

A segunda imagem escolhida, retrata um monumento do estado do Paraná (Quadro 5). A escolha desse lugar é devido a sua localização geográfica e sua importância para o estado do Paraná, pois é um ponto turístico e de grande motivação

e referência dos estudos geográficos, que é a Ilha do Mel localizada próximo ao litoral paranaense.

Com a ficha de análise semiótica, foi descrito os aspectos visíveis na fotografia partindo da minha compreensão enquanto pesquisador, bem como suas relações com os conceitos de paisagem e lugar. Apresentamos no Quadro 5, a análise semiótica realizada seguindo os registros fotográficos selecionados:

Quadro 5. Ficha de análise semiótica conforme conceito de paisagem em fotografias em Barthes (2006)

Fotografia		<p>Coordenadas geográficas: -22.966092, -52.161960</p> <p>Extraído do site oficial do município: https://www.cruzeirosul.pr.gov.br</p>
Momento 1	<p>Identificação de signos (elementos visuais presentes na imagem como cores, objetos, formas, texturas).</p> <p>Denotação (descrição literal do que está na imagem seja um fenômeno ou situação sem interpretação)</p>	<p>Observa-se uma construção arquitetônica de uma igreja contém uma cruz, o espaço é aberto com poucas árvores; a cor da fotografia em tom retro ou vintage relembra aspecto de fotos antigas; Há passarelas de calçadas sob o espaço coberto por grama; Os objetos e elementos projetam sombras no chão e há uma construção ao fundo com escadaria em aspecto arquitetônico de “casarão”.</p> <p>A imagem apresenta uma igreja aparentemente da década de 90, sendo um local religioso de uma comunidade que está em crescimento.</p>
Momento 2	<p>Conotação (Interpretação do significado dos signos aos elementos de interesse: conceitos de paisagem e lugar)</p>	<p>A fotografia apresenta informações para definir o que é paisagem, pois o termo se trata a tudo o que os olhos veem, portanto, os olhos veem uma paisagem contendo uma construção arquitetônica de ambiente religioso, que por sua vez, denota o conceito de lugar, pois se torna um ambiente de adoração.</p>
Momento 3	<p>Contextualização (interpretação dos significados que dão sentido a imagem, qual informação ela quer comunicar, quais símbolos ou metáforas estão presentes qual</p>	<p>A fotografia representa uma igreja em sua situação histórica da década de 90, contendo arquitetura da época, com arborização natural (gramas) e</p>

	o contexto histórico, social, cultural da imagem	poucos traços urbanos (asfálticos). Representa uma cidade que está se formando, que hoje já é o município de Cruzeiro do Sul, lembrando o costume histórico de frequentar a igreja aos domingos, por representar um período da tarde (com as sombras dos elementos projetadas na direção oeste).
--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor após leitura de Barthes (2006).

A imagem apresentada para observar e refletir quanto a uma igreja antiga apresenta-se como um bom recurso para refletir quanto aos conceitos de paisagem e lugar, pois apresenta tanto os aspectos físicos e visuais da paisagem quanto aos aspectos culturais, históricos e simbólicos que definem o lugar.

Assim, é possível destacar elementos da arquitetura e sua integração com o ambiente, bem como elencar a vegetação, os entornos geográficos e as mudanças no local ao longo do tempo, visto que esse local foi visitado pelos alunos na visita de campo.

Quanto aos conceitos referentes ao lugar, com essa fotografia foi possível a dinâmica quanto ao patrimônio histórico de uma comunidade, representando eventos históricos, práticas religiosas. Apresenta-se como um símbolo da identidade e memória coletiva por se tratar de um espaço de experiências, eventos e encontros sociais carregado de sentimentos de pertencimento.

Para utilizar a ficha de análise fotográfica, utilizamos enquanto pesquisador deste trabalho a análise de um elemento característico do Paraná, para que fosse possível demonstrar sua potencialidade de identificação dos elementos que definem os conceitos da paisagem e lugar. Apresentamos no Quadro 6 a análise realizada.

Quadro 6. Ficha de análise semiótica conforme conceito de paisagem em fotografias.

Fotografia		<p>Fotografia: Autoria própria.</p> <p>Coordenadas geográficas: - 25.57006576386864, -48.313324749914</p>
Momento 1	<p>Identificação de signos (elementos visuais presentes na imagem como cores, objetos, formas, texturas).</p>	<p>Construção arquitetônica de um farol, murada em um formato circular, com uma porta indicando conter uma escadaria para chegar até a janela do topo. Há uma passarela de entrada feita de paralelepípedo.</p>
	<p>Denotação (descrição literal do que está na imagem seja um fenômeno ou situação sem interpretação)</p>	<p>A fotografia apresenta um monumento chamado farol, aproximadamente do século XIX que tinha o objetivo de guiar as embarcações que se aproximavam da costa brasileira.</p>
Momento 2	<p>Conotação (Interpretação do significado dos signos aos elementos de interesse: conceitos de paisagem e lugar)</p>	<p>A fotografia apresenta elementos que representam o conceito de paisagem, uma vez que esse termo se refere a tudo o que os olhos veem, neste caso, trata-se de um elemento histórico dos tempos das navegações, o farol. Quanto ao conceito de paisagem, se relaciona a um elemento que servia de guia para os navegantes, por referir a chegada em terra firme.</p>
Momento 3	<p>Contextualização (interpretação dos significados que dão sentido a imagem, qual informação ela quer comunicar, quais símbolos ou metáforas estão presentes qual o</p>	<p>A fotografia representa um símbolo histórico importante para orientar e guiar os navegantes, ajudando-os a encontrar seu caminho em meio ao mar, especialmente durante a noite ou em condições adversas. Representa um elemento de alerta e vigília</p>

	contexto histórico, social, cultural da imagem	aos perigos, como rochedos ou áreas rasas, protegendo os barcos. O farol representa um período histórico e cultural de uma sociedade baseada nas viagens feitas no mar.
--	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor após leitura de Barthes (2006).

A fotografia de um farol foi identificada como recurso para lembrar os conceitos de paisagem e lugar e sua importância geográfica para a região, pois se trata também de um elemento visual que envolve aspectos físicos e visuais que compõem a paisagem e significados simbólicos e emocionais que definem o lugar. A ideia do uso da imagem do farol foi ampliar a compreensão da turma para outros espaços, para além da vivência de suas casas, ruas e praças.

Com relação aos aspectos da paisagem, o farol refere-se a um componente de forma alta e imponente. É facilmente reconhecível e serve como ponto focal em uma composição visual, neste caso, o de uma ilha. Esse elemento foi construído em pontos estratégicos, para aumentar a visibilidade no mar, o que geralmente se encontra em paisagens dramáticas com penhascos, costões rochosos ou margens isoladas. Também permite visualizar as construções realizadas pelo homem em sua interação com esse ambiente e a pontos de localização tanto para navegantes quanto para pessoas em terra.

Quanto ao conceito de lugar, o farol representa um símbolo de segurança, vigília, carregado de cultura para marinheiros e as comunidades costeiras. Além disso, representa um componente cheio de histórias e narrativas de sobrevivência a tempestades, invasões e guerras a região do estado do Paraná e para o Brasil. Esse espaço também acaba se tornando um lugar especial para os moradores locais, remontando a histórias familiares e a identidade da comunidade. Também pode ser associado a destinos de passeios, sendo um ponto turístico, integrando aspectos visuais da paisagem e o que esse elemento representa para a sociedade.

6.4 Etapa 4 - Discussão de levantamento de concepções geográficas

Para obter um parâmetro sobre como as concepções de paisagem e lugar se modificaram nos estudantes a partir da realização das ações didáticas realizamos um questionário com os 18 alunos pertencentes ao estudo com esse fim.

Situamos que para essa atividade houve um avanço significativo no número de alunos participantes, talvez em função da maior participação dos estudantes com as atividades propostas, desde a realização da atividade de campo.

Para identificar a concepção dos alunos sobre o conceito de lugar, aplicamos um questionário sobre o tema, coletando as respostas dos estudantes e criando uma nuvem de palavras para analisar as principais referências dos alunos sobre o conceito, com palavras-chaves a partir das respostas.

As palavras com maior número de repetição pelos estudantes estão em destaque na nuvem, sendo as mais citadas. E as palavras menores foram as com menores citações. Apresentamos na Figura 17, a nuvem de palavras sobre a definição de lugar. A nuvem de palavras foi realizada após trabalhar os conceitos apresentados com os alunos.

Figura 17. Palavras que foram mencionadas pelos estudantes para conceituar lugar.



Fonte: Elaborado pelo autor por meio do aplicativo Mentimeter (2024).

Observando as palavras emitidas pelos 18 estudantes notamos que a maioria interpretou sua casa como sendo um lugar, uma vez que apresentam ideias afetivas e emocionais. Esse laço afetivo pode ser identificado pelos termos utilizados pelos alunos quanto ao ser um lugar confortável, de descanso e que podem dormir, tomar

banho, comer e brincar. Na forma de linguagem do estudante, suas concepções sobre o lugar se referem ao conceito correto do tema, uma vez que o lugar compreende o espaço vivido, referente às percepções, relações e ligações subjetivas do sujeito para com o espaço em que está inserido, é aquele em que o indivíduo se encontra integrado e ambientado possuindo significado afetivo.

Observando o Quadro 7, nota-se que as respostas dos estudantes para definir o conceito de lugar se basearam nos princípios desse conceito, por exemplo, ao considerar determinado espaço próximo de seu cotidiano.

Quadro 7. Considerações quanto aos conceitos de lugar.

	Qual o lugar mais próximo do seu cotidiano?	O que você define como lugar?	Porque considera esse espaço como lugar?
E1	Um sítio no pasto	Minha casa	Porque é um lugar confortável.
E2	Ilustração de um campo de futebol e o isosed.	Minha casa, ela é um lugar que eu me sinto mais confortável	Porque é lá que eu tenho minha privacidade.
E3	Casas (ilustração de casas)	Minha casa	Lá há mais privacidade, lazer, etc.
E4	A igreja.	Porque eu me sinto confortável, eu como, me divirto, descanso, etc.	Porque é onde eu moro com minha família e me sinto bem.
E5	Igreja	Praça, parque, igreja.	É porque não fico sozinha em momento nenhum e sempre tem alguém pra mim conversar.
E6	Um pasto lá no final da rua que tem vacas, gado e sempre de tarde faz um pôr do sol.	Porque na minha casa é confortável, tem cama, parede, muro.	Porque ela é confortável, um lugar de lazer e um lugar bom.
E7	O lugar mais próximo do meu cotidiano é o parquinho (com ilustração)	Legal porque tem como você fazer exercício e brincar	Porque ele foi feito como uma área de lazer para as crianças e para os adultos também.
E8	Um bar perto de casa	Doces, bebidas	Porque tem comida e bebida com espaço público para todas as idades
E9	A padaria	Padaria, pois todos vão nela	Porque todos vê e frequenta
E10	As árvores e as casas	Porque é legal e bonito	Porque ele tem sombra, pra quando tiver sol entrar debaixo da árvore
E11	A pracinha, o posto Soda e a rodoviária.	Em minha casa porque lá é um ambiente confortável para mim.	Porque lá mora minha família.
E12	A pracinha, rodoviária	Em casa, porque eu posso dormir, tomar banho e etc.	Porque em casa me sinto confortável e alegre.
E13	O campo de futebol	Padaria porque todos tomam café lá	Porque todos vê ela e frequentam
E14	A casa do meu vô	Minha casa	Porque é bom
E15	A igreja	Um lugar bonito que eu gosto de ir	Porque é um lugar
E16	Minha casa, meu quarto.	Um espaço que muitas pessoas frequentam	Porque é o meu lar e eu me sinto bem

E17	Casa da minha vó	A casa dela, a sala, o quintal	Porque eu gosto muito de lá ou dela?
E18	A rodoviária	Uma padaria e uma casa e vende pão, salgados e o ambiente e o atendimento na minha casa é confortável	É na onde eu me sinto confortável.

Fonte: Dados da Pesquisa (2024).

Foram oito alunos que citaram seus lugares de vivência, como suas residências. Na justificativa dos lugares escolhidos como lugar, todos apresentam justificativas afetivas como, por exemplo, sendo os lugares de conforto, privacidade, descanso e bem-estar, mostrando uma familiaridade com o conceito.

Com o propósito de identificar essas concepções geográficas em seus discursos adotaremos as três concepções situadas no referencial teórico desta pesquisa, a saber: a vertente da geografia tradicional, vertente humanística fenomenológica.

Já no Quadro 8, um panorama com as considerações emitidas pelos estudantes para situar suas noções de paisagem.

Quadro 8. Considerações quanto aos conceitos de paisagem.

	Descreva uma paisagem do seu cotidiano	Porque considerou como paisagem?	Quais elementos levou em consideração?
E1	O posto atrás da minha casa que tem animais	Porque é um lugar lindo	Que tem animais e o pôr do sol fica lindo também
E2	Isosed (igreja, ilustração)	Porque gosto de ir	A entrada e os bancos de som
E3	Parque ecológico (ilustração)	Porque é um ambiente bonito e de ar puro	As flores, as árvores e o gramado limpo
E4	Casa (ilustração)	Porque eu sempre vejo essa paisagem, e é muito lindo ver o por do sol.	A casa, o corredor, as árvores, o por do sol, etc.
E5	Casa e igreja (ilustração)	Porque é um lugar que me sinto bem.	É porque lá conheço novas pessoas.
E6	Casas (ilustração)	Porque minha casa, porque ela tem muro, tem cama, parede, etc.	Porque lá tem uma casa do lado, um terreno, um mercadinho em frente de casa.
E7	Sorveteria (ilustração)	Porque lá tem paladar, cheiro	Porque tem muitos sorvetes, açaí, picolé, bebidas.
E8	A minha escola	Porque ela contém muro, salas, cortinas.	Porque lá tem meus amigos.
E9	A escola	Porque é muito gostoso o espaço	Os estudos
E10	Casa e árvores (ilustração)	Porque ela é bonita, quando eu passo por esse caminho, ela me chama atenção	As folhas caindo da árvore.
E11	Casa da Isa (ilustração com casa, boi e a Isa)	Porque tem uma cerca, vacas, grama, árvores, casas.	O grande pasto verde chama a minha atenção com várias

			vacas e do lado da casa da minha amiga.
E12	Ilustração de duas casas com vacas em um pasto	Porque tem casas, cerca, grama, vaca, cavalo	As vacas, também é muito fresquinho
E13	A escola	Porque todos dia eu frequento ela	Os estudos
E14	A lua	Porque no dia eu vejo ela linda	A alegria e a tristeza
E15	A igreja	Porque eu falo com Deus	Porque tem como falar com os outros
E16	Casa (ilustração)	Porque é um lugar que me sinto bem	Os móveis
E17	Casa e vaca no pasto (ilustração)	Porque eu me sinto confortável!	A casa do meu tio
E18	Padaria (ilustração)	Porque o ambiente é tranquilo e tem comida, refrigerante e água.	Comida, ambiente e bebidas

Fonte: Dados da Pesquisa (2024).

Observando as considerações dos alunos podemos perceber que 5 alunos consideram a paisagem como um espaço lindo, 6 atrelam o espaço a questão de conforto e de se sentir bem, demonstrando que a maioria dos alunos atrelam o conceito de paisagem a questões ligadas ao bonito, confortável e a sensação de bem estar.

Nas justificativas do que é paisagem o visível ainda é o destaque, quando os alunos destacam pôr do Sol, árvores, casa, pasto, etc. Já o som, folhas caindo, ser um ambiente fresco, dá uma outra dimensão para o conceito de paisagem, mostrando que ela vai além do palpável, ligado ao movimento e audição.

A natureza, a exemplo do Sol, grama, árvores, terreno, também foram relacionados ao conceito de paisagem, como se um espaço alterado pelo homem, não pudesse ser atrelada ao conceito.

Por fim, uma concepção que remete à corrente cultural pode ser vista nos comentários expostos pelos E1, E2, E5, E15 quando mencionam sobre a igreja, a escola, o posto, pois remete a concepção que prioriza a cultura humana em que se analisa o vínculo existente entre o homem e o lugar.

Observar as ideias do conceito de paisagem nesses discursos dos alunos oferece uma visão sobre como eles compreendem e percebem o espaço ao seu redor, sendo elo importante para aproximar as experiências de vida dos estudantes, seus contextos culturais e sociais às concepções de paisagem e lugar.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desse trabalho foi possível considerar alguns pontos, principalmente com relação aos objetivos deste trabalho de pesquisa que, em linha gerais, foi proporcionar reflexões a partir da observação de fotografias e espaços locais como forma de contextualização aos temas específicos da Geografia.

A presente dissertação teve como objetivo investigar o uso das fotografias da região local como ferramenta didática no ensino de conceitos geográficos, como paisagem e lugar, no contexto do ensino de Geografia. Ao longo do estudo, buscou-se analisar a forma como as imagens do cotidiano local podem ser utilizadas para promover uma compreensão mais aprofundada dos espaços geográficos, não apenas em sua dimensão física, mas também em seu caráter social, cultural e histórico.

Foi possível constatar que as fotografias da região local desempenharam um papel significativo na aprendizagem dos conceitos de paisagem e lugar, pois elas permitiram aos alunos uma aproximação concreta e emocional com os conteúdos. A utilização de imagens que refletem o entorno imediato dos estudantes possibilitou uma leitura crítica do espaço geográfico, aproximando-os da realidade e promovendo a construção de significados mais próximos de suas vivências cotidianas.

Buscamos elaborar uma ficha de análise baseada na concepção prévia dos alunos sobre a semiótica das fotografias locais, pois verificamos que o processo de interpretação das imagens é profundamente influenciado pelas experiências e conhecimentos prévios dos estudantes. A análise das modificações ocorridas no espaço geográfico, mediada pelas fotografias, contribuiu para que os alunos desenvolvessem uma percepção crítica sobre as transformações espaciais e seus impactos, especialmente ao partir do local para contextos globais, ampliando sua compreensão sobre o território e suas dinâmicas.

A aplicação da sequência didática proposta revelou a eficácia do uso das fotografias na contextualização de conceitos paisagem e lugar no currículo de Geografia. A sequência didática permitiu que os alunos se envolvessem de forma ativa no processo de aprendizagem, associando teoria e prática por meio de discussões e reflexões a partir das imagens analisadas. A metodologia proposta se mostrou não apenas eficaz na introdução de conceitos geográficos, mas também enriquecedora, proporcionando aos alunos uma oportunidade de construir uma visão mais abrangente e crítica do espaço em que habitam.

A realização desta pesquisa demonstrou que as fotografias da região local, quando utilizadas de maneira adequada, são uma ferramenta poderosa no ensino de Geografia, pois permitem aos alunos perceber o espaço de forma mais dinâmica e contextualizada. A integração das imagens no processo pedagógico contribuiu significativamente para a compreensão dos conceitos geográficos, estimulando o pensamento crítico e a reflexão sobre as transformações no território.

Retomando, a respeito dos objetivos supramencionados, retomaremos alguns apontamentos. Desta forma, podemos destacar algumas considerações positivas, a saber:

(a) pelas conceituações que foram discutidas na primeira seção, notamos que é importante promover momentos de formação ao professor de Geografia e reflexão pedagógica quanto as definições de paisagem e lugar. É necessário compreender o que cada vertente geográfica defende, para que essas concepções da ciência geográfica sejam auxiliares na compreensão desses conceitos por parte de docentes;

(b) foi importante considerar, como destacado na segunda seção, como esses conceitos geográficos se apresentam no currículo de geografia da educação básica, sendo termos muitas vezes implícitos, mas que são essenciais para a ampliação do repertório conceitual no ensino de geografia. Ainda, é perceptível que o trabalho voltado às concepções geográficas apresenta algumas fragilidades, como por exemplo, a falta de contextualização, recursos e metodologias eficazes para a ampliação desses estudos conceituais;

(c) pensar nas fotografias como recurso de ensino nos remeteu a considerar quais potencialidades esse mecanismo pode resultar nas aulas de Geografia, situação na qual as imagens podem trazer conceitos geográficos para a sala de aula e trabalhar com o contexto local faz com que os alunos tenham maior interesse em analisar o lugar e seus elementos, fato que apresentamos na terceira seção, sendo importante destacar uma técnica de análise fotográfica, que utilizamos nesse estudo, a análise semiótica das fotografias;

(d) com a metodologia estabelecida e a sequência didática aplicada, foi possível considerar que as atividades desenvolvidas mostraram que o uso das fotografias bem como a atividade de campo como imersão no ambiente observado em algumas imagens foram recursos eficazes para ilustrar e diferenciar os conceitos geográficos de paisagem;

(e) O ensino dos conceitos de paisagem e lugar podem ser associados aos recursos fotográficos e as percepções de lugares históricos da realidade circundante dos estudantes, uma vez que os mesmos apresentam concepções relacionadas ao pertencimento do lugar, o que acarreta na concepção fundamental desse conceito, sendo ponto de estímulo para os estudos teóricos desse componente curricular;

(f) o uso das fotografias foi uma ferramenta importante para identificação dos elementos físicos e visuais que constituem a paisagem, bem como na compreensão da interação desses elementos com as relações sociais;

(g) o uso das fotografias estimulou o desenvolvimento de habilidades de observação, pois, a partir da análise das imagens, foi possível auxiliar os alunos a visualizar aspectos conceituais da geografia em registros fotográficos, identificando aspectos históricos, culturais e sociais de determinada comunidade em determinado período;

(h) a análise semiótica das fotografias auxiliou na observação das imagens como um guia dos pontos a serem observados, uma vez que cada etapa, fornecia informações para a compreensão dos elementos que constituem os conceitos de paisagem e lugar. Ainda, essa análise semiótica pode ser utilizada em outros componentes curriculares, sendo necessário uma adaptação aos pontos de interesse que se pretende observar nas fotografias.

Alguns aspectos negativos ocorreram, sendo válidos de menção, como por exemplo, algumas dificuldades na elaboração e aplicação da sequência didática por motivos particulares e a necessidade de cumprir com aspectos burocráticos da instituição escolar.

Com base nesses resultados, podemos sugerir pesquisas futuras para a interpretação dos conceitos de paisagem e lugar por meio de outras mídias visuais utilizando as fichas de análise como instrumento de orientação e ainda avaliar a aplicabilidade desse método de trabalho utilizando essa ferramenta para o ensino e em outros conceitos geográficos ou realidades educacionais.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. Tradução de Izidoro Blikstein. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. 1 ed. Lisboa: Edições 70. 2015.
- BERTRAND, G. **Paysage et Géographie Physique Globale: Esquisse Méthodologique**. 1978.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. 3 ed. Brasília, MEC/SEF, 2001.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, DF: Ministério da Educação. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Fundamental (SE)F, 1997.
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. 16. ed. São Paulo: Papirus, 2010.
- CAVALCANTI, L. S. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – **Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, 2010.
- COMPOS, A. C. **Metodologia do ensino de geografia**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.
- COSTA, C. **Educação, Imagens e Mídia**. São Paulo: Editora Cortez, 2013.
- COSTA, F. R.; ROCHA, M. M. Geografia: conceitos e paradigmas - apontamentos preliminares. **Rev. GEOMA**. V. 1, n.2, p. 25-56, 2010.
- DIAS, T. Q. **Pedagogia de projetos interdisciplinares**. São Paulo: Rideel, 2001.
- FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007.
- GODOI, A. F. L.; GODOI, R. H. M.; AZEVEDO, R.; MARANHÃO, L. T. **Poluição e a densidade de vegetação: btex em algumas áreas públicas de Curitiba - PR, Brasil**.

Quim Nova, v. 33, n. 4, p. 827-833, 2010.

HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

HOLZER, W. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro. Ano IV, nº 7. p.67-78, 1999.

KOSSOY, B. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1998.

LANDIM NETO, F. O.; BARBOSA, M. E. S.; O ensino de geografia na educação básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na Geografia. **Geosaberes**, v. 1, n. 2, dezembro, 2010, pp.160-179.

LEITE, M. M. **Retratos de família**. São Paulo: Edusp, 1983.

MASSEY, D. **For space**. London: SAGE Publications, 2005.

MAYER, R. E. **Learning and Instruction**. Upper Saddle River: Pearson, 2008

MENDES, A. M; FERREIRA, D.C. A Paisagem em Humboldt e Goethe: A Gênese do Pensamento Geográfico. In: XVIII Encontro Nacional de Geógrafos: A Construção do Brasil: Geografia, Ação Política e Democracia, São Luís. **Anais [...]**. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2016, p. 1-9.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1999.

MOREIRA, N. da S.; FREITAS, R. A. A observação como prática pedagógica no ensino de geografia. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 50-59, 2012.

NUNES FILHO, Aurino Alves; SALVADOR, Diego Salomão Cândido de Oliveira; A paisagem e o território no ensino de geografia escolar. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v.24, e31, 2020, pp 1-34.

PARANÁ, governo do estado do. **Currículo da rede estadual paranaense**. 2021. Disponível em:

https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-05/crep_ciencias_2021_anosfinais.pdf Acesso em: 15 ago. 2022.

PARANÁ, Governo do estado do. **Mais 2,6 mil kits com TV e computador são entregues a escolas da Região Metropolitana de Curitiba**. 2022. Disponível em:

<https://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Mais-26-mil-kits-com-TV-e-computador-sao-entregues-escolas-da-Regiao-Metropolitana-de7>. Acesso: 18 jul. 2024.

PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo da Rede Estadual Paranaense** (CREP – Geografia), EF. Curitiba: SEED, 2020. Disponível em:

https://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-05/crep_geografia_2021_anosfinais.pdf. Acesso em: 22. Fev. 2024.

PONTES, T. M.; RODRIGUES, M. A. Os desafios e as dificuldades encontradas na disciplina de Geografia na E. M. Antonio José de Lima, em Morro do Chapéu/PI. **Revista Educação Pública**, v. 22, n. 37, 2022.

PRODANOV, C.C; FREITAS, E.C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2: ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

TURKLE, S. **Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other**. New York: Basic Books, 2011.

PUNTEL, G. A. A paisagem no ensino da Geografia. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 283-298, 2007.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense. 1983.

SANTOS, M. **O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

SANTOS, R. M. R.; SOUZA, M. L. **O ensino de geografia e suas linguagens**. Coleção Metodologia do Ensino de História e Geografia. Curitiba: Ibpex, 2010.

SILVA, I. F.; SANTOS, F. K. S.; SILVA, L. L.; CANÊJO, V. P. A fotografia como recurso mediático no ensino de geografia: a paisagem urbana em múltiplos olhares e convergências. **Revista Ensino de Geografia** (Recife), v. 1, n. 1, 2018.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras. 1977.

SOCHTCHAVA, V. B. **Introdução à Geografia Sistemica**. Moscou: Editora Ciência, 1974.

SUERTEGARAY, D. M. A.; BASSO, L. A.; VERDUM, R. **Ambiente e Lugar no Urbano – A Grande Porto Alegre**. Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

TRAVASSOS, L. E. P. A Fotografia Como Instrumento de Auxílio no Ensino de Geografia. **Revista de Biologia e Ciência da Terra**. v. 1, n. 2, p. 1-3, 2001.

TUAN, Yi-Fu, **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. 1930. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.

VIDAL DE LA BLACHE, P. **Principes de Géographie Humaine**. Paris: Armand Colin, 1922.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. 4. ed. 1991.

WULF, A. **A Invenção da Natureza: A Vida e as Descobertas de Alexander Von Humboldt**. Trad. Renato Marques. 1 ed. São Paulo: Planeta, 2016.

ANEXOS

ANEXO 1 - Parecer comitê de ética.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Usos da fotografia para o ensino de Geografia no Ensino Médio paranaense

Pesquisador: PAULO CÉSAR GOMES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 72448123.5.0000.5411

Instituição Proponente: Instituto de Biociências de Botucatu

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.267.756

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2188042.pdf, de 17/08/2023) e/ou do Projeto Detalhado (Gab2_8.pdf de 02/08/2023).

Introdução:

Utilizando as fontes fotográficas para as análises circundantes sobre o espaço geográfico tem-se em foco a contextualização da paisagem e do lugar. As imagens e fotos disponíveis provam os valores que a região noroeste carregava antes das grandes transformações antrópicas, mesmo sendo baixos os acervos disponíveis. A técnica de registrar paisagens, de fotografar é de grande teor histórico, a partir do uso de ferramentas para registrar fenômenos transformantes e que podem ser analisados e apresentados no ensino de Geografia. Nas correntes geográficas o uso do termo lugar é bastante utilizado e, na maioria das vezes, é o apêndice dos estudos desenvolvidos e elaborados para determinar uma região. Conceituar 'lugar' é explicar a dissipação do espaço geográfico, acima de tudo, lugar é a característica de um ponto marcante e que tem uma significação apropriada em uma margem geográfica, seja um ponto físico ou referencial. Casualmente nos deparamos com um cômodo da casa que é um local que nos identificou mais, a percepção do lugar acaba nos marcando. Lugar é uma mistura singular de vistas, é a unificação de

Endereço: Chácara Butignolli, s/n

Bairro: Rubião Junior

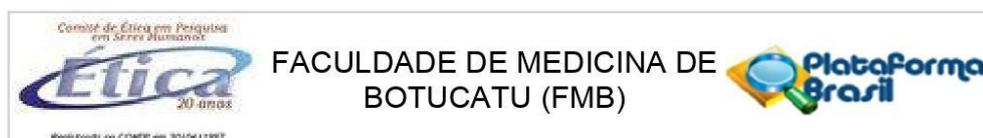
UF: SP

Município: BOTUCATU

CEP: 18.618-970

Telefone: (14)3880-1609

E-mail: cep@fmb.unesp.br



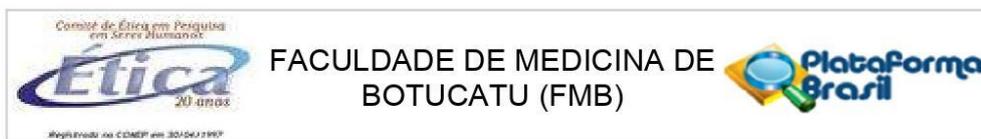
Continuação do Parecer: 6.267.756

sons e cheiros nos remetendo a lembranças e boas memórias, uma harmonia impar de ritmos naturais e artificiais, em consonância com o conceito de paisagem. Diante de tais perspectivas Wulf (2016) observa a paisagem natural como uma forma de compreender o meio em uma totalidade, fazendo-se necessário um olhar geográfico acerca do contexto do lugar, explicando que para conceituar paisagem é, acima de tudo, uma visão além da ótica abstrata tradicional, pensando nisso as fotografias da região noroeste do Paraná podem ser analisadas a partir das suas transformações antrópicas para contextualizar o ensino de geografia. 10.3 Hipótese A realização da referida pesquisa segue o pressuposto da seguinte hipótese: De que modo o uso de fotografias bem como a reflexão quanto as modificações antropocêntricas poderiam auxiliar na tomada de consciência sobre a Fotografia, bem como a conceituação e definição dos aspectos referentes à paisagem e lugar presentes no currículo básico de Geografia.

Metodologia Proposta:

A presente pesquisa apresenta natureza qualitativa e quantitativa, favorecendo o detalhamento da investigação e das questões relacionadas ao fenômeno a ser estudado (GIL, 2007), sendo possível realizar um estudo aprofundado a partir do grupo determinado (PRODANOV; FREITAS, 2013). Desta forma, para o desenvolvimento dessa pesquisa, será realizado (1) elaboração de acervo fotográfico como recurso de ensino e (2) aplicação de sequências didáticas em que o uso de questionário, entrevista e registro em videotape serão realizados junto aos estudantes para a coleta de dados. A atividade será realizada em dois momentos, o primeiro com o propósito de registrar os conhecimentos prévios dos alunos e, o segundo, no decorrer da aplicação da sequência didática com a exposição das fotografias e explanação das conceituações de paisagem e lugar, junto as ações antrópicas, em que serão analisadas as discussões, debates e percepções dos estudantes. O recurso fotográfico, o uso de filmagens, de entrevistas serão apenas para as transcrições e ficarão armazenados por até 5 anos após a realização da pesquisa. Os questionários, entrevistas e filmagens ocorrerão ao longo de aulas previstas no currículo, e que não prejudicará o andamento normal do contexto escolar. Os participantes do estudo serão estudantes de 16 a 25 anos de idade e que são estudantes integrantes do 3º ano do Ensino Médio, pertencente a um colégio estadual do município de Cruzeiro do Sul, estado do Paraná. Todos os dados serão anonimizados e os estudantes terão rostos borrados, impedindo totalmente a identificação no caso de divulgação de imagens em artigos ou eventos da área de Ensino ou Educação. Os temas das entrevistas objetivam investigar o uso da fotografia como recurso educativo no ensino de geografia. Os questionários a ser utilizados visam também compreender a

Endereço: Chácara Butignolli, s/n
Bairro: Rubião Junior **CEP:** 18.618-970
UF: SP **Município:** BOTUCATU
Telefone: (14)3880-1609 **E-mail:** cep@fmb.unesp.br



Continuação do Parecer: 6.267.756

percepção dos estudantes sobre o uso da fotografia enquanto registro histórico. O conjunto de dados utilizados na análise contemplarão as anotações do pesquisados, atividades desenvolvidas no contexto da sala de aula, registros em vídeo e entrevistas (por saturação temática).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: • Investigar o uso potencial de fotografias históricas da região local (escola e imediações) como mecanismo de contextualização de assuntos e temas específicos do ensino da geografia. • Elaborar um acervo fotográfico de modificações ocorridas no espaço geográfico do município de Cruzeiro do Sul, localizado no noroeste do Paraná, a fim de proporcionar um espaço de transição e reflexão. • Aplicar sequências didáticas em que o uso de fotografias locais possa contribuir com a contextualização de assuntos pertinentes ao currículo básico: conceituação de lugar, paisagem e antropocentrismo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: O risco ao participante de pesquisa neste caso é em relação ao sigilo e anonimato dos dados, contudo, os pesquisadores garantem o completo sigilo e anonimato dos participantes e da escola. Os dados e registros serão armazenados por até 5 anos e destruídos. Serão utilizados apenas para transcrição e análise dos dados. O que pode ocorrer é alguns constrangimentos por parte do participante, em relação às filmagens ou entrevistas, mas será minimizado com um acolhimento e período de ambientação. Os potenciais riscos e desconfortos que o estudo pode acarretar ao participante de pesquisa são mínimos e podem estar presentes no sentido de causar algum tipo de constrangimento pelas filmagens das interações em sala de aulas, entrevistas ou mesmo em responder aos questionários. Contudo, vale salientar como descrito no projeto de pesquisa, a pesquisa ocorrerá no ambiente natural da sala de aula e que os riscos, além daqueles já mencionados, são inerentes ao ambiente escolar.

Benefícios: Os benefícios são acadêmicos e visam ampliar as pesquisa com uso de fotografia no ensino de geografia e contribuir com a aprendizagem e ampliação da visibilidade do espaço geográfico junto ao estudantes, bem como, de conceitos como território e lugar.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estudo nacional e unicêntrico, com objetivo de a elaborar e investigar a aplicação de sequências didáticas junto a uma turma de 3º ano do Ensino Médio público, para o componente curricular de

Endereço: Chácara Butignolli, s/n	CEP: 18.618-970
Bairro: Rubião Junior	
UF: SP	Município: BOTUCATU
Telefone: (14)3880-1609	E-mail: cep@fmb.unesp.br



Continuação do Parecer: 6.267.756

Geografia, com a utilização de fotografias como recurso destacando tais conceitos na região noroeste do Paraná. A atividade será realizada em dois momentos, o primeiro com o propósito de registrar os conhecimentos prévios dos alunos e, o segundo, no decorrer da aplicação da sequência didática com a exposição das fotografias e explanação das conceituações de paisagem e lugar, junto as ações antrópicas, em que serão analisadas as discussões, debates e percepções dos estudantes. Os dados serão coletados a partir da aplicação de atividades em sala de aulas, aplicação de questionários, debates e diálogos a partir de reflexões sobre as imagens realizadas pelos estudantes, sendo interpretadas pela análise de conteúdo visual. Os questionários, entrevistas e filmagens ocorrerão ao longo de aulas previstas no currículo, e que não prejudicará o andamento normal do contexto escolar.

- Patrocinador: financiamento próprio. (R\$ 300,00 – Custeio)
- Número de participantes incluídos no Brasil: 35.
- Não haverá armazenamento de amostras biológicas.
- Critérios de inclusão: Os participantes do estudo serão estudantes de 16 a 25 anos de idade e que são estudantes integrantes do 3º ano do Ensino Médio, pertencente a um colégio estadual do município de Cruzeiro do Sul, estado do Paraná.
- Critérios de exclusão: não há.
- Previsão de início do estudo: 06/09/2023.
- Previsão de encerramento do estudo: 30/03/2024

Pendência anteriores:

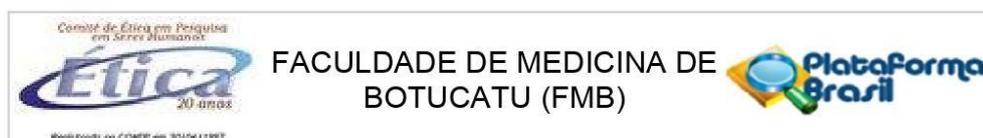
Pendência: “1.1 Deve ser garantido o acesso ao resultado do estudo, sempre que solicitado, em linguagem apropriada ao entendimento do participante ou do seu representante legal (Resolução 510/2016, art. 17, item VI)”

Resposta: item adicionado ao TCLE, em todas as suas versões e em destaque amarelo.

Análise: Pendência atendida

Pendência: “1.2 Cabe lembrar que, segundo a Resolução CNS nº 510 de 2016, toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e gradações variadas. Define-se riscos da pesquisa como a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente. Diante do exposto, solicita-se que

Endereço: Chácara Butignolli, s/n	CEP: 18.618-970
Bairro: Rubião Junior	
UF: SP	Município: BOTUCATU
Telefone: (14)3880-1609	E-mail: cep@fmb.unesp.br



Continuação do Parecer: 6.267.756

constem no TCLE, de forma clara, os potenciais riscos e desconfortos que o estudo possa acarretar ao participante de pesquisa.”

Resposta: item adicionado ao TCLE, em todas as suas versões e em destaque amarelo.

Análise: Pendência atendida

Pendência: 1.3 Incluir a garantia ao participante de ressarcimento e a descrição das formas de cobertura das despesas realizadas pelo participante decorrentes da pesquisa, quando houver; (Resolução 510/2016, art. 17, item VII)

Resposta: item adicionado ao TCLE, em todas as suas versões e em destaque amarelo

Análise: Pendência atendida

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Anexado anuência Local do estudo.
- Anexado Termos de Consentimento e Assentimento.
- Carta resposta anexada.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após análise em REUNIÃO, o Colegiado deliberou APROVAÇÃO do PROJETO de Pesquisa apresentado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Conforme deliberação do Colegiado, em REUNIÃO do Comitê de Ética em Pesquisa FMB/UNESP, o PROJETO de Pesquisa apresentado encontra-se APROVADO.

O projeto de pesquisa deverá ter início somente após aprovação deste CEP.

Ao final da execução da pesquisa, o Pesquisador deverá enviar o Relatório Final de Atividades, na forma de Notificação, via Plataforma Brasil.

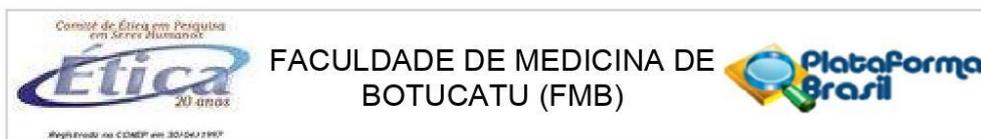
Atenciosamente,

Comitê de Ética em Pesquisa FMB/UNESP

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2188042.pdf	17/08/2023 22:13:50		Aceito

Endereço: Chácara Butignolli, s/n
Bairro: Rubião Junior **CEP:** 18.618-970
UF: SP **Município:** BOTUCATU
Telefone: (14)3880-1609 **E-mail:** cep@fmb.unesp.br



Continuação do Parecer: 6.267.756

Outros	C_RESP_cep.pdf	17/08/2023 22:13:40	PAULO CÉSAR GOMES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLegABnOVO.pdf	17/08/2023 22:13:01	PAULO CÉSAR GOMES	Aceito
Declaração de concordância	Gabr_2023_1.pdf	02/08/2023 09:54:29	PAULO CÉSAR GOMES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Gab2_8.pdf	02/08/2023 09:54:11	PAULO CÉSAR GOMES	Aceito
Folha de Rosto	Rosto4.pdf	02/08/2023 08:57:53	PAULO CÉSAR GOMES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BOTUCATU, 29 de Agosto de 2023

Assinado por:
SILVANA ANDREA MOLINA LIMA
(Coordenador(a))

Endereço: Chácara Butignolli, s/n
Bairro: Rubião Junior **CEP:** 18.618-970
UF: SP **Município:** BOTUCATU
Telefone: (14)3880-1609 **E-mail:** cep@fmb.unesp.br